

SHERRILYN KENYON

o diabo também chora

Tradução de Ester Cortegano

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Agradecimentos

Para Neco, que viverá sempre no meu coração. Sinto muito a tua falta e queria poder «falar com o meu rapaz» só mais uma vez. Aos meus fãs, aos Kenyon Minions, às mulheres do RBL, cujo amor e apoio me têm acompanhado ao longo de incontáveis tempestades. Para Retta, Rebecca, Kim, Vic e Dianna por me ajudarem quando mais precisei. Para Kia, Jack, Jacs, Alex, Carl, Bryan, Soteria, Cee, Judy e Aimee por todo o trabalho que fazem. Para Merrilee, Monique, Sally, Matthew, Matt, John, Brian, Anne-Marie e todos os outros na SMP por tudo o que fazem para que os livros cheguem às prateleiras e por não me darem cabo da cabeça quando estou atrasada com um manuscrito. Mas, acima de tudo, à minha família, por permitirem à Mamã os seus tempos de silêncio, e por comerem mais pizza do que o bom Deus alguma vez desejou que as crianças comessem. Ao meu irmão mais novo, Steven, que é tudo para mim, por ter escrito uma linda música para Ash. E, por fim, ao meu marido, que é a minha âncora. Obrigada por estares sempre ao meu lado. Este é para vocês todos. Espero que gostem.

Prólogo

VINGANÇA.

Há quem diga que é um veneno que penetra a alma e a deixa nua. Que o seu caminho apenas resulta na destruição daquele que o percorre.

Mas, para outros, é como o leite de uma mãe. Alimenta, nutre — dá-lhes uma razão para sobreviver quando não têm mais nada que os sustente neste mundo.

Esta é a história de uma dessas criaturas. Um deus nascido no tempo antes de a humanidade registrar a sua magra história, Sin, também chamado Nana, era aquele que governava o mundo conhecido. O seu panteão era supremo e todos à sua volta lhe prestavam homenagem.

E depois veio o dia em que outros deuses se ergueram para o desafiar. Durante séculos, teve de lutar a guerra sangrenta, e teria saído vitorioso não fosse um ato de traição que lhe roubou a divindade.

Despojado dos seus poderes cabalísticos, foi obrigado a caminhar no mundo dos homens como um deles, e como algo mais. Algo negro. Frio. Letal.

Mas o jogo não tinha terminado. A derrota alimenta a parte da alma que exige uma desforra. Enquanto há vida, há esperança. E, enquanto há esperança, há determinação.

E a necessidade de vingança que sempre acompanha o lado dos vencidos.

Durante séculos, o antigo deus esperou pela sua hora, sabendo que a complacência e arrogância da sua inimiga a trariam de volta ao seu círculo. Agora, o dia do ajuste de contas está ao alcance da sua mão...



Capítulo

UM

— **ELE** tem de ser destruído. De preferência, de forma dolorosa e rápida, mas qualquer outro meio que resulte na sua morte serve-me.

Acheron Parthenopaeus virou a cabeça para ver a deusa grega Ártemis aproximar-se. Havia séculos que os dois tinham sido ligados, e, em alturas como aquela, a deusa acreditava efetivamente que o controlava.

A verdade, contudo, era muito diferente.

Vestido apenas com calças de cabedal preto, estava sentado no parapeito de pedra da varanda do templo dela, encostado a uma das colunas. A varanda era feita de cintilante mármore branco e debruçava-se sobre uma paisagem deslumbrante, com um arco-íris sobre uma cascata e uma perfeita cena de floresta. Mas, de qualquer maneira, ninguém esperaria menos do monte Olimpo, onde os deuses gregos tinham feito o seu lar.

Se ao menos os seus habitantes fossem tão perfeitos como a paisagem...

Com o flutuante cabelo ruivo, a pele imaculadamente branca e uns penetrantes olhos verdes, Ártemis seria bela se Ash não lamentasse cada lufada de ar que ela respirava.

— Porque é que ficaste, de repente, com todo esse fogo no cu a respeito do Sin?

Ela retorceu o lábio.

— Detesto quando falas dessa maneira.

O que era justamente a razão porque ele o fazia. Não permitissem os deuses que ele alguma vez fizesse o que ela gostava. Já tinha problemas suficientes com isso.

— Estás a mudar de assunto.

A deusa bufou antes de responder.

— Eu sempre o odiei. Ele devia ter morrido. Lembras-te? *Tu* é que interferiste.

Ela estava a simplificar demasiado aquela sequência de eventos.

— Ele sobreviveu por sua conta. Eu meramente dei um trabalho ao tipo, depois de tu o lixares.

— Sim, e agora ele enlouqueceu. Não viste que entrou ontem à noite num museu, neutralizando no processo três guardas, e roubou um artefacto de alto nível? E isso não é expor os teus preciosos Predadores da Noite ao escrutínio público? Juro que fez de propósito, com esperança de ser apanhado para poder contar tudo a nosso respeito aos humanos. Ele é uma ameaça para toda a gente.

Ash ignorou a fúria dela, ainda que concordasse que fora uma ação imprudente da parte de Sin. Normalmente, o antigo ex-deus tinha mais bom senso.

— De certeza que só queria tocar um pedaço do seu lar. Que raio, provavelmente o artefacto que levou até lhe pertencia, ou a algum membro da sua família. Não o vou matar porque estava com saudades de casa, Artie... seria como matar uma pessoa quando está na sanita. É errado.

Com as mãos sobre as ancas voluptuosas, ela fez-lhe um olhar carancudo.

— Então vais achar que isto tudo é trivial?

— Se com isso queres dizer que não me parece que exija a sua execução imediata, sim, podes chamar-me louco, mas acho, mesmo.

Ela semicerrrou os olhos.

— Estás a tornar-te molar.

Ash franziu o sobrolho até perceber o que ela queria dizer.

— Mole, Artie. O que querias dizer era que me estou a tornar mole.

— Tanto faz. — Ela aproximou-se. — O Acheron de que me recordo tê-lo-ia cozido por metade desta infração.

Ele bufou, agitado, antes de responder.

— Frito, Artie, raios, aprende a falar. Fico com uma dor de cabeça só para perceber que raio estás a dizer, na maior parte das vezes. E em momento algum da minha vida teria frito uma pessoa por uma coisa destas.

— Terias, sim.

Ele pensou nisso por um momento. Mas, como de costume, ela estava enganada.

— Não. Definitivamente não. Só tu me obrigarias a uma tal violência por uma coisa tão insignificante.

— És mesmo um filho da mãe.

Pelo menos, nesse ponto, ela tinha razão. Em mais de um sentido. Ash inclinou a cabeça para trás contra a coluna para poder olhar para ela.

— Porquê? Porque não te faço a vontade?

— Sim. Tu deves-me isto. Obrigaste-me a livrar-me do meu assassino e agora não tenho controlo sobre aquelas criaturas...

— Que tu criaste — acrescentou ele, interrompendo a sua zangada invetiva. — Não te esqueças da parte mais importante aqui. Os Predadores da Noite não existiriam sequer se uma pessoa, e por causa da tua falha de intelecto deixa-me clarificar isto, se *tu* não me tivesses roubado poderes para fazer ressuscitar os mortos. Eu não precisava dos Predadores da Noite para me ajudarem a lutar contra os *daemones* e proteger os humanos. Estava a sair-me muito bem sozinho. Mas tu não quiseste assim. Criaste-os e fizeste-me responsável pelas suas vidas. É uma responsabilidade que levo muito a sério, por isso desculpa-me se te impeço de os matares só porque tens SPM inversa.

— SPM inversa?

— Sim, ao contrário de uma mulher normal, tu andas irritável vinte e oito dias por mês.

Ártemis ia esbofeteá-lo, mas ele agarrou-a pelo pulso.

— Não negociaste o direito de me bater.

Ela retirou o pulso da mão dele.

— Eu quero-o morto.

— Não serei o teu instrumento nisto. — E a sorte de Sin era Ash estar ali. Era a única razão porque Ártemis não o matava pessoalmente. Tinham feito um pacto, séculos antes, depois de ela ter feito *flambé* de um Predador da Noite por causa de um comentário errado, de que nunca mais iria atrás de um Predador da Noite sem a aprovação de Ash.

Os seus olhos ainda estavam em ebulição.

— O Sin está a tramar alguma coisa. Eu sinto-o.

— Disso não tenho qualquer dúvida. Tem estado a planear a tua morte desde o dia em que lhe roubaste a sua divindade. A tua sorte é que eu o impeço, e o Sin sabe-o.

Ela olhou-o novamente, de olhos semicerrados.

— Surpreende-me que não o estejas a ajudar a matar-me.

Também o surpreendia a ele. Mas, no fundo, sabia que não poderia participar numa coisa dessas. Precisava de Ártemis para viver, e, se ele morresse, o mundo tornar-se-ia um sítio ainda mais assustador do que já era.

O que era uma pena. Porque, honestamente, não havia nada que mais quisesse do que lhe dizer adeus e nunca mais ter de olhar para ela.

Ártemis deu-lhe um encontrão no joelho elevado.

— Nem sequer lhe vais perguntar o que estava a fazer no museu? E porque atacou aqueles seguranças?

Ele foi assaltado por uma nesga de esperança.

— Vais deixar-me ir embora para tratar disso?

— Deves-me mais três dias de serviço.

Lá se ia a esperança. Já devia sabê-lo. A cabra não tinha qualquer intenção de o deixar sair do templo enquanto não estivessem terminadas as duas semanas. Fora um amargo acordo que fizera com ela. Duas semanas como seu escravo sexual em troca de dois meses livre da sua interferência. Odiava aqueles jogos, mas uma pessoa fazia o que tinha de fazer.

Mesmo quando era uma verdadeira trampa.

— Então parece que isso vai ter de ficar para depois.

Ártemis soltou um grunhido enquanto cerrava as mãos. Acheron era sempre a sua perdição. Não sabia porque o suportava.

Ou, na verdade, sabia. Mesmo na sua teimosia, ele continuava a ser o homem mais sensual que alguma vez conhecera. Não havia nada de que gostasse mais do que vê-lo em movimento. Ou mesmo sentado, como naquele momento. Ele tinha o corpo mais perversamente perfeito que algum homem alguma vez possuía. O seu longo cabelo louro estava enaranhado e puxado sobre um ombro, enquanto ele se recostava com os braços cruzados sobre o peito, e o seu pé esquerdo descalço batia a um ritmo imaginário que apenas ele conseguia ouvir.

Poderoso e ousado, apenas se curvava à sua vontade quando ela o forçava com sangue e osso. E, mesmo então, fazia-o a contragosto e numa atitude de desafio. Era, na realidade, como uma criatura selvagem que ninguém podia domar.

Com efeito, mordida e rosnava a quem quer que o tentasse dominar.

E os deuses sabiam como ela tentava há séculos conquistá-lo ou forçá-lo à submissão. Mas nada funcionava. Ele estava sempre próximo e inacessível. Isso enfurecia-a.

Amuou.

— Gostavas que ele me matasse, não gostavas?

Ele soltou uma pequena gargalhada.

— Que raio, claro que não. Quero essa honra para mim.

Como se atrevia!

— Seu maldito...

— Não me insultes, Artie — disse ele, interrompendo-a com um tom irritado — quando ambos sabemos que não é o que tu sentes. Essa tua grande boca já cansa.

Ela foi percorrida por um arrepio, perante a escolha de palavras dele.

— Estranho. Eu nunca me canso da tua. — Estendeu a mão para lhe tocar os lábios. Eram a única parte do seu corpo que era suave, como as pétalas de uma rosa, e fascinavam-na sempre. — Tens uma boca linda, Acheron, especialmente quando está no meu corpo.

Ash gemeu quando reconheceu a chama nos olhos cor de esmeralda enquanto ela lhe percorria os lábios com os dedos. A sua pele arrepiou-se.

— Nunca estás satisfeita? Juro que, se fosse mortal, estaria a coxear, depois da nossa última ronda. Se não estivesse morto. Temos mesmo de te encontrar outro passatempo que não seja saltares para cima de mim.

Mas era tarde de mais; ela já estava a baixar-lhe as pernas e a montar sobre as suas coxas.

Cerrando os dentes, Ash inclinou a cabeça para trás quando ela começou a morder-lhe o pescoço. Sabia o que viria a seguir quando a sentiu lambe-lhe suavemente a pele. O coração dela batia com mais força contra o seu peito.

E, depois, sentiu os aguçados incisivos a perfurarem-lhe a pele no instante antes de ela começar a beber o seu sangue...

— **KATRA!**

Kat Agrotera sentou-se de um pulo na cama ao ouvir o agudo chamamento na sua cabeça.

— O que foi que eu fiz? — perguntou, tentando perceber porque estaria Ártemis zangada com ela agora.

— Estavas a dormir?

Pestanejou quando Ártemis apareceu no quarto ao lado da sua cama. O quarto estava completamente às escuras, tirando a feérica luz azul que irradiava do corpo de Ártemis.

Kat olhou de relance para a cama onde estava sentada com o seu pijama cor-de-rosa, os lençóis em desordem e o cabelo despenteado, depois decidiu que o sarcasmo não seria uma prova de sanidade.

— Já estou acordada.

— Ótimo. Tenho uma missão para ti.

Kat teve de conter uma gargalhada.

— Peço desculpa, mas entregaste os meus serviços à Apollymi, lembra-te? Agora, o grande mal de Atlântida que tanto temes proíbe-me de fazer o que quer que tu me digas. Ela acha divertido poder irritar-te dessa maneira.

Os olhos de Ártemis semicerraram-se.

— Katra...

— Matisera... — disse ela, imitando o tom agitado de Ártemis. — Não fui eu que pedi isto. Tu é que fizeste este acordo com a Apollymi com que eu tenho de viver. Pessoalmente, deixou-me lixada ser trocada como se fosse uma carta *Yu-Gi-Oh* de que te fartaste. Mas trocaste-me. Lamento, agora jogo para a outra equipa.

Ártemis deu um passo em frente e, pela primeira vez, Kat percebeu que ela estava assustada.

— Passa-se alguma coisa?

Ártemis anuiu antes de sussurrar:

— Ele vai matar-me.

— O Acheron? — Era o candidato mais provável.

— Não — disse ela bruscamente. — O Acheron nunca me faria mal. Só ameaça. Lembras-te de quando eras nova?

Bem, tendo em vista o facto de isso ter sido há uns dez ou onze mil anos, era um bocado puxado para ela.

— Tento não me lembrar, mas algumas coisas continuam claras como cristal. Porquê?

Ártemis sentou-se na sua cama antes de pegar no tigre de peluche de Kat e o encostar contra o corpo.

— Lembras-te do deus sumério Sin?

Kat franziu o sobrolho.

— Aquele que entrou no teu templo há éones e tentou roubar-te os poderes e matar-te?

A mão de Ártemis apertou-se em torno do tigre.

— Sim. Ele voltou e está a tentar matar-me outra vez.

Como era isso possível? Kat tratara pessoalmente desse inimigo.

— Pensava que estava morto.

— Não, o Acheron salvou-o antes que morresse e tornou-o Predador da Noite. O Sin acha que fui eu que lhe roubei os poderes e o abandonei à beira da morte. — Havia terror nos olhos de Ártemis. — Ele vai matar-me, Katra, eu sei que vai. O mundo inteiro vai acabar. Estamos a aproximar-nos do *apokalypsi* sumério...

— Não creio que eles usem essa palavra.

— Que interessa a palavra que usam? — guinchou ela. — Fim do mundo é sempre fim do mundo, independentemente da palavra que usam para o designar. O ponto é que o Sin vai tentar novamente derrubar-me e tomar o meu lugar. Sabes o que isso significa?

— Que haverá grande regozijo?

— Katra!

Ela recompôs a seriedade.

— Desculpa. Já percebi. Ele quer vingar-se.

— Sim, por uma coisa que eu não fiz. Preciso da tua ajuda, Katra. Por favor.

Kat ficou ali sentada por um momento, a pensar. Não era normal Ártemis pedir alguma coisa. Ela exigia — só isso dizia a Kat como Ártemis temia Sin. Mas, embora fosse óbvio que a deusa estava assustada, Kat suspeitava que havia mais naquela história do que aquilo que Ártemis contara. Havia sempre.

— O que é que não me estás a contar?

Ártemis fez um olhar inocente.

— Não sei de que estás a falar.

— Claro que sabes. — Ártemis nunca lhe dissera toda a verdade sobre absolutamente nada. — E, antes que eu me envolva num desastre qualquer, quero saber tudo sobre o assunto.

O rosto de Ártemis endureceu.

— Estás a dizer-me que te recusas a ajudar-me, depois de tudo o que te fiz a ti?

Isso, na verdade, resumia tudo muito bem.

— Acho que querias dizer «por mim», Matisera, não «a mim».

— Não me interessa. Agora responde-me.

Uau. Para uma mulher a pedir ajuda, Ártemis tinha uma maneira fabulosa de se expressar. Mas, de facto, era a sua natureza, e Kat ficaria desconfiada se Ártemis se mostrasse menos do que autoritária.

— O que queres que eu faça?

— O que é que tu achas? Que o mates.

Kat ficou aterrada.

— Matisera! O que é que me estás a pedir?

— Estou a pedir-te que salves a minha vida — rosnou ela — que é o mínimo que podes fazer por mim. Especialmente depois de tudo o que te dei. O Sin vai matar-me, se tiver a oportunidade para isso, e vai roubar todos os meus poderes. Quem sabe o que fará à humanidade, uma vez que tenha recuperado a sua divindade. Como a fará sofrer. Já fui falar com o Acheron e ele recusou-se a ajudar-me. És a única esperança que me resta.

— Então porque não o matas pessoalmente? Eu sei que és capaz.

Ártemis voltou a sentar-se, num acesso de cólera.

— Ele tem o Tuppi Shimati. Lembras-te do que é, não lembras?

— A Tábua do Destino suméria, sim, eu lembro-me. — Quem quer que a possuísse podia tornar outro deus impotente. Também podia ser usada para despojar um deus dos seus poderes e, por conseguinte, matar qualquer deus que quisesse. Não era propriamente uma coisa que os deuses quisessem nas mãos erradas.

Ártemis engoliu em seco.

— De quem achas que o Sin virá atrás, agora que a tem?

Não era difícil de adivinhar. Ártemis.

— E, com isso, tens a minha total atenção. Não te preocupes, Matiasera, vou tirar-lha.

Ártemis pareceu aliviada.

— Não quero que ninguém fique a conhecer o nosso passado. Tu, acima de todos os outros, compreendes como é importante que permaneça oculto. Não falhes, desta vez, Katra. Preciso que cumpras a tua palavra para comigo.

Kat estremeceu perante o lembrete da primeira e única vez na sua vida em que falhara na sua missão para com Ártemis.

— Fá-lo-ei.

Ártemis inclinou a cabeça antes de desaparecer.

Kat deitou-se de costas na sua cama, a pensar no que acabara de ouvir. Por um lado, não tinha dúvidas de que Ártemis lhe estava a dizer a verdade sobre a Tábua do Destino. Fora o panteão de Sin que o criara. Se alguém sabia como o encontrar e usar, esse alguém seria Sin.

Mas Ártemis não deixava de ser Ártemis.

O que significava que o mais provável era faltarem ainda algumas partes importantes daquela história, e, antes de ir atrás de outro deus, mesmo caído, Kat queria saber tanto quanto possível a seu respeito.

Pegou no telemóvel que tinha em cima da mesa de cabeceira, abriu-o e viu as horas. Era uma da manhã para ela, mas em Minneapolis seria meia-noite. Carregou no botão com o número 6 e esperou até ouvir uma suave voz feminina responder.

Kat sorriu ao ouvir o cumprimento da amiga.

— Olá, Cassandra, 'tás boa? — Em tempos, fora a protetora de Cassandra por Ártemis. Mas, desde que Cassandra se tornara imortal e se casara com o ex-Predador da Noite Wulf, Kat fora transferida... e depois entregue à deusa atlante Apollymi.

Mesmo assim, Kat continuava amiga íntima de Cassandra e tinha o hábito de a visitar sempre que podia.

— Olá, fofinha — disse Cassandra, a rir. — Estamos bem. Estávamos mesmo a terminar um filme. Mas percebo pelo teu tom da voz e pela hora a que me ligas que deves ter alguma coisa mais em mente do que saber simplesmente como estou.

Kat sorriu perante a intuição da amiga.

— Ok, fui apanhada. Esta chamada tem um objetivo. Podes passar-me aí o grandalhão? Tenho umas perguntas para lhe fazer sobre Predadores da Noite.

— Claro. Espera um segundo.

Kat passou a mão pelos caracóis despenteados enquanto Wulf ia ao telefone. Quando o conheceu, era Predador da Noite. Eram protetores imortais que prestavam serviço a Ártemis em troca de um Ato de Vingança. O seu trabalho era matar os *daemones* que caçavam almas humanas e passar a eternidade ao serviço de Ártemis na proteção da humanidade.

Mas Wulf recebera a liberdade e vivia agora feliz com o filho, a filha e a mulher em Minneapolis. E agora só perseguia os *daemones* quando os Predadores da Noite na sua área precisavam de alguma ajuda.

— Olá, Kat. Querias falar comigo? — Mesmo depois de tantos séculos, a sua voz ainda mantinha uma carregada pronúncia nórdica.

— Sim. Conheces, por acaso, o Predador da Noite chamado Sin?

— Conheço vários com esse nome. A qual deles te referes?

— O sumério.

— O deus caído?

— Esse mesmo.

Wulf soltou um sopro especulativo no outro lado da linha.

— Pessoalmente, não, não conheço. Mas ouvi boatos acerca dele. Dizem que é maluco como o raio.

— Quem é que diz isso?

— Toda a gente. Qualquer Predador da Noite que alguma vez tenha estado nesta área. Qualquer Escudeiro que tenha cometido o erro de se cruzar no seu caminho. É um sacana perverso que não tolera absolutamente ninguém à sua volta.

Bem, aquilo não parecia muito prometedor. Mas corroborava o receio de Ártemis.

— Conheces alguém a quem possa ligar que o conheça pessoalmente?

— Ash.

Pois. Havia dois problemas com isso. Primeiro, Ártemis passava-se se Kat alguma vez se aproximasse do deus atlante. E, segundo, Ártemis passava-se se Kat alguma vez se aproximasse do deus atlante.

— Mais alguém?

— Não — disse Wulf firmemente. — Deixa-me reiterar que ele é completamente antissocial e que não interage com ninguém. Dizem que uma vez deixou um Predador da Noite morrer às mãos de um *daemon* e que se ficou a rir enquanto tudo acontecia. Podes entrar no fórum do *dailyinquisitor.com/bbs* e ver se consegues encontrar alguém que ele tenha deixado aproximar-se. Duvido seriamente, pelo pouco que sei a seu respeito, mas acho que é a melhor hipótese.

Maravilhoso. Mesmo maravilhoso.

— Fixe. Obrigada pela ajuda. Agora deixo-vos voltar para o vosso filme. Fiquem bem.

— Tu também.

Kat desligou o telefone e depois pegou no portátil que deixara debaixo da cama e seguiu o conselho de Wulf, mas, após umas horas no BBS e no site *Predador-da-Noite.com* a ler perfis, desistiu. Não lhe diziam nada a não ser que Sin era um solitário e um psicopata.

Ao que parecia, ele nem sequer andava atrás de *daemones*. De acordo com uma história, passara por um grupo deles a comer e nem sequer pestanejara. Havia também numerosas histórias sobre ter sido visto a infligir queimaduras em si mesmo e a praguejar com quem quer que se aproximasse.

Uau, parecia mesmo um fofinho coelho de peluche. Mal podia esperar para o conhecer. Obviamente, não era uma pessoa sociável, o que, por ela, estava tudo bem. Como filha única, também ela nem sempre se dava bem com os outros.

Mas as histórias de automutilação preocupavam-na. Que espécie de criatura era Sin, para fazer tal coisa? Teria perdido a sanidade quando fora exaurido dos seus poderes divinos ou sempre fora assim?

Com um suspiro, fechou o portátil e forçou-se a sair da sua cama confortável e a vestir-se. Eram apenas três da manhã... faltavam ainda umas horas para o amanhecer, o que significava que Sin andava provavelmente pelas ruas, a vaguear sem destino, enquanto passava por *daemones* a precisar de morrer.

Kat fechou os olhos e concentrou-se até encontrar o que procurava...

A essência de Sin.

Mas não estava onde esperara encontrá-lo. Em vez de Las Vegas, encontrou-o em Nova Iorque... em Central Park, mais concretamente. Franziu o sobrolho enquanto se mantinha no escuro com a sua transparente forma de Sombra. Ninguém a conseguiria ver, mas, se a luz a atingisse de certa maneira, captaria um recorte luminescente do seu corpo. Era por isso que se mantinha nas sombras — fora de vista e do alcance de um insano ex-deus.

A sua pesquisa dissera-lhe que Sin estava em Las Vegas.

O que andaria a fazer em Nova Iorque a meio da noite?

Como lá chegara, e quando?

Mas não era essa a parte verdadeiramente importante. O pior era a maneira como ele se movia pela zona mal iluminada do parque. Furtivamente, era a palavra que melhor o descrevia. Parecia uma criatura sedenta de sangue a seguir o odor da sua presa. Tinha a cabeça baixa, e os seus olhos mal passavam de fendas, enquanto estudava a área à sua volta. Vestido com um longo casaco de cabedal preto que ondulava e voava com os seus movimentos, era uma visão impressionante. Os seus ombros eram largos e o

curto cabelo de caracóis pretos mal lhe chegava ao colarinho. Ao contrário dos outros Predadores da Noite, não tinha olhos pretos. Os dele eram de um castanho-dourado — como a cor dos olhos de um leão. Topázio. E cintilavam como gelo contra a sua pele fortemente bronzeada.

As suas feições eram perfeitas, mas, uma vez que ele nascera deus, isso seria de esperar. Em regra, os deuses não eram feios. E, mesmo que o fossem, normalmente usavam os seus poderes para resolver o assunto. Fazia parte de toda aquela vaidade divina que podia ser bastante irritante, por vezes.

Não parecendo ter mais de trinta e cinco anos, Sin movia-se com uma fluida graça intemporal. As sobrancelhas pretas estavam unidas numa concentração severa, e uma barba de pelo menos dois dias polvilhava-lhe o rosto.

Achou-o verdadeiramente belo, e uma parte de si com que não estava familiarizada reparou agudamente no seu perigoso andar masculino. Alguma coisa na maneira como ele se movia invadiu-a como um vinho quente e inebriante. Fê-la sentir uma vertigem, deixando-a sem fôlego.

Fê-la ter vontade de estender a mão e tocar aquela mesma criatura que ela sabia que a mataria, se tivesse oportunidade. Ele era hipnotizante e cativante.

De súbito, Sin estacou e virou a cabeça na sua direção. Kat conteve a respiração enquanto uma estranha trepidação lhe perfurava o peito. Tê-la-ia ouvido? Sentido? Não devia ser possível, mas, por outro lado, ele era um deus... ou, pelo menos, já o fora.

Talvez ele tivesse esse poder.

Mas, quando viu a ligeira agitação à sua esquerda, percebeu que ele não estava concentrado na sua forma de Sombra. A sua atenção estava firmemente enraizada nas árvores na frente dela. E o que quer que ali estava murmurava numa língua que ela nunca ouvira. Tinha um tom grave, com uma sonoridade sinistra que era como uma estranha combinação de ferramentas de polimento e um guincho arrepiante.

— Erkutu — sussurrou Sin numa voz que estava carregada de poder. Num fluido movimento, deixou cair o casaco dos seus ombros para mostrar um corpo tão cheio de poder que ela foi atravessada por um arrepio.

Usava uma t-shirt preta sem mangas e calças de couro preto com botas de *motard*. Mas o que se destacava ainda mais do que as profundas e perfeitas marcas dos seus músculos era o conjunto de facas presas aos seus bíceps e o antigo punho da adaga na sua bota esquerda. Trazia um braçal de prata em cada antebraço e, enquanto se aproximava das sombras, desenrolou um longo cordão do pulso direito. Em cada ponta do cordão havia uma bola de metal com o tamanho aproximado de uma

bola de golfe. As bolas cintilavam à luz e tiniram ligeiramente na noite enquanto ele andava.

Era óbvio que estava a equipar-se para a batalha, mas não havia quaisquer *daemones* ali perto. Se houvesse, ela tê-los-ia sentido.

Mas, por outro lado, aqueles estranhos murmúrios continuavam.

Kat foi avançando entre as árvores, a tentar perceber para onde ele se dirigia.

Sem aviso, alguma coisa foi atirada à cabeça de Sin. Ele agachou-se e, levantando-se, fez girar, enquanto andava, o cordão sobre a cabeça como um cowboy com uma corda. As bolas silvaram no ar um momento antes de ele as largar e as fazer voar sobre a folhagem.

Um grito rasgou a noite.

Kat estacou quando viu o que o causara. Ao princípio pareceu-lhe uma humana bonita, mas depois ela abriu a boca e mostrou uma fila dupla de presas serrilhadas. Mas, pior do que as presas, era o sangue que escorria do seu queixo. Sangue humano que combinava com a vermelhidão dos olhos da criatura.

E não estava sozinha. Eram três no total — a mulher e dois homens atarracados. Kat nunca vira nada como eles. Não eram, definitivamente, da espécie humana, embora tivessem corpos humanos. Comunicavam com aquela língua que parecia um misto entre furão e golfinho.

Como uma unidade, lançaram-se sobre Sin. Ele agachou-se e atirou por cima das costas o primeiro a atingi-lo. Num movimento ágil e fluido, puxou a adaga da bota e enfiou-a no segundo macho. O demónio apanhou-lhe o braço e enterrou as presas na mão de Sin.

Com uma praga, Sin deu uma joelhada no estômago da criatura e voltou-se para enfrentar a mulher. O demónio feminino recuou de um pulo uma fração de segundo antes de a adaga lhe cortar a garganta.

O primeiro macho levantou-se e atirou-se contra as costas de Sin. Este virou-se e baixou-se, fazendo com que o demónio caísse nos braços daquele que o mordera. Depois puxou outro cordão do braço esquerdo, levantou-se e enrolou-o em volta da garganta da fêmea. Ela gritou um instante antes de a sua cabeça cair de cima do corpo e aterrar com um baque no chão.

Kat desviou o olhar e encolheu-se perante aquela visão, enquanto sentia a bÍlis subir-lhe garganta acima.

Os outros dois demónios gritaram e depois fugiram. Cruzando os braços sobre o peito, Sin arrancou as facas de volta dos bíceps e atirou-as diretamente às costas das criaturas em fuga. As facas aterraram na base das suas colunas com uma segura precisão. Eles caíram instantaneamente no chão, onde se contorceram e gritaram de agonia.

Depois de um último grito, ficaram em silêncio.

Kat estava horrorizada pelo que tinha testemunhado. Era macabro e intenso, e havia qualquer coisa em Sin que indicava que ele estava a gostar muito mais do que devia. Era como se se orgulhasse de infligir a maior dor possível.

Era um sacana doentio.

Sin observou os homens mais alguns segundos antes de ir verificar os humanos de que eles se tinham estado a alimentar. Mas era demasiado tarde. Mesmo à distância, Kat percebeu que a humana estava morta e que os seus olhos vidrados olhavam fixamente para o céu coberto de estrelas. Todo o seu corpo estava despedaçado.

A pobre mulher.

De rosto sombrio, Sin fechou-lhe os olhos e sussurrou uma antiga oração suméria pela sua alma, para que descansasse em paz apesar da violência com que lhe fora roubada a vida. Kat estava surpreendida com estas ações. Pareciam absolutamente incongruentes com tudo o que acabara de testemunhar daquele homem.

Pelo menos foi o que pensou até o ver recuperar uma faca das costas de um dos demónios. Fez uma bola de fogo na mão direita para aquecer a lâmina e depois, quando ela ficou quente, colocou-a sobre o ferimento da mordedura na sua mão. Ela encolheu-se ao imaginar a dor, embora ele nem sequer pestanejasse.

Ficou simplesmente ali, de dentes cerrados, enquanto o fedor a carne queimada a deixava enjoada.

Mas ele ainda não acabara. Depois de cauterizada a ferida, voltou para junto da mulher humana e cortou-lhe impiedosamente a cabeça. Kat encolheu-se de horror.

Ele é louco...

Não havia outra explicação. Porque faria uma coisa daquelas à pobre vítima? Não fazia sentido.

E, mesmo assim, não era tudo. Repetiu a decapitação nos dois demónios antes de empilhar todos os corpos e lhes pegar fogo. De face completamente estoica, ficou a vê-los arder. As chamas iluminavam as suas feições frias e impassíveis. As sombras escureciam-lhe os olhos, fazendo-o parecer-se mais com um demónio do que aqueles que acabara de matar.

Não disse uma única palavra durante todo o tempo nem mostrou a mais pequena ponta de compaixão.

Quando ficaram completamente queimados, Sin espalhou as cinzas com a ponta da bota até não restar qualquer vestígio de nenhum deles. Nunca ninguém saberia o que acontecera àquela pobre mulher.

Kat sentiu-se nauseada. Como fora aquele homem autorizado a viver,

Capítulo

DOIS

SIN transportou-se de volta para o seu quarto de hotel, embora pudesse, com a mesma facilidade, ter-se transportado para casa. Naquele momento, não queria que Kish ou Damien o incomodassem. Precisava de espaço e de tempo para estar sozinho para se preparar para o que tinha de fazer.

Estava coberto de sangue e, embora tivesse havido tempos em que isso lhe dava prazer, esses tempos estavam no passado. Agora estava cansado das batalhas intermináveis. Cansado de lutar numa guerra que ele sabia não poder vencer.

Havia apenas uma pessoa cujo sangue queria nas suas mãos. Uma pessoa cujo sangue a fazer-lhe colar a pele o faria alegrar-se.

Ártemis.

A mera ideia de lhe cortar a cabeça pôs-lhe um sorriso no rosto, enquanto se dirigia para a casa de banho para tomar um longo duche quente.

Depois de ligar a água, atirou com as armas para o chão, onde aterram com um pesado baque, e despiu-se enquanto esperava que a água aquecesse. Assim que ficou a esquentar, enfiou-se no chuveiro e deixou que a água o limpasse. A luta deixara-o empoeirado e coberto de suor e sangue — o dele e o dos outros. Baixando a cabeça, observou enquanto toda a sujidade lhe escorria da pele para os azulejos e depois descia pelo cano.

O calor sabia-lhe bem sobre os músculos doridos. Mas não conseguia aliviar os seus pensamentos perturbados.

O Kerir, ou Ajuste de Contas, como alguns lhe chamavam, estava próximo, e ainda tinha de encontrar o Hayar Bedr, ou Lua Abandonada,

antes que os demónios *gallu* a encontrassem e destruíssem. Sem a Lua, Sin não tinha qualquer hipótese de os derrotar.

Não que, mesmo com a Lua, tivesse grande hipótese, mas essa nesga de esperança era infinitamente melhor do que não ter nenhuma.

Sin cerrou os dentes ao visionar o Kerir na sua mente. À meia-noite da Passagem de Ano, quando as pessoas se apressassem a celebrar, as sete Dimme, demónios que Anu criara para vingar o seu panteão caído, seriam libertadas. O único que as podia combater era Sin e, uma vez que ele já não possuía os seus poderes divinos, não tinha esperança de as conseguir controlar.

Que os deuses, os antigos e os novos, tivessem piedade de toda a gente.

— Maldita sejas, Ártemis — vociferou. A estúpida. Por um ato de egoísmo, condenara-os a todos. E nem sequer se preocupava com isso. Pensava que a sua própria divindade a protegeria dos demónios vindouros.

Era mesmo uma tola.

Porque é que te preocupas, sequer? Lutar só serviria para prolongar a sua própria morte. Mas não estava nele deixar-se ficar parado sem fazer nada enquanto pessoas inocentes eram mortas. Não fazer nada enquanto a terra era atacada e destruída. Não, já lutara contra os demónios *gallu* durante demasiados séculos só para lhes ceder a terra sem levar com ele tantos quanto conseguisse.

E eram adversários difíceis de derrotar, mas as Dimme...

Essas iam rasgá-lo em pedaços e rir-se enquanto o faziam.

Com um suspiro, fechou a torneira e estendeu a mão para a toalha. Parou quando viu a mais recente cicatriz na sua mão. Malditos. Diferentemente dos *daemones* que o deus grego Apolo condenara a viver roubando almas humanas, os *gallu* podiam transformar um humano num demónio. O veneno na sua mordedura até podia infetar Sin e transformá-lo também num deles. Era por isso que precisava de queimar o veneno sempre que ele invadia o seu corpo. Era por isso que tinha de decapitar as criaturas e queimar os seus cadáveres. Essa era a única maneira de destruir completamente o veneno e impedi-los de se regenerarem.

Eles eram reprodutores prolíficos. Uma dentada, uma troca de sangue... era o que bastava. Não tinham de matar humanos para os transformarem em demónios. Mas os *gallu* gostavam tanto da matança que normalmente o faziam só pelo gozo. Uma vez infetado, rapidamente o humano perdia o controlo sobre todo o seu ser para o *gallu*, que podia comandá-lo para fazer tudo o que quisesse. Os humanos tornavam-se então irracionais escravos de sangue.

Ou pior.

Onze mil anos antes, guerreiros sancionados pelos deuses sumérios tinham sido treinados para repelir os *gallu*. Quando o número destes guer-

reiros decaíra e eles tinham atingido praticamente a extinção, Sin e a filha e o irmão tinham encarcerado os *gallu* para os impedir de perseguirem a humanidade. Mas, com o tempo, e depois da morte do panteão sumério, os *gallu* tinham começado a escapar da sua prisão. Tinham também ficado mais espertos e mais organizados.

Agora estavam a tentar encontrar os artefactos que o irmão de Sin escondera para os ajudar a despertar as Dimme, com esperança de que estas os recompensassem pela sua lealdade. E as Dimme provavelmente fá-lo-iam.

Sim, em três semanas, as coisas ficariam seriamente más, para os humanos.

Sin esfregou o cabelo com uma toalha. Não valia a pena pensar no assunto, essa noite. Já encontrara a Tábua do Destino. No dia seguinte, procuraria a Lua. Até lá, precisaria de algumas horas de descanso.

Completamente nu, meteu-se na cama e tentou tirar da cabeça os acontecimentos da noite. Mas era escusado. Conseguia ver os *gallu* a reunirem as suas forças, a transformarem os humanos em criaturas à sua semelhança. Não levaria muito tempo até devastarem o mundo. Mães cairiam sobre os seus filhos, irmãos sobre irmãos. A sua fome de sangue não conhecia satisfação. Como uma derradeira arma, tinham sido criados originalmente para combater os inimigos do panteão sumério.

Especificamente, tinham sido criados para lutar contra os demónios Charontes, que o pai de Sin estivera convencido de que um dia os destruiria a todos. O que o seu panteão nunca previra fora o dia em que Atlântida seria destruída, e os seus Charontes juntamente com ela. Sem outros demónios para os manterem controlados, os *gallu* tinham voltado a sua atenção e a sua fome para os humanos.

Tinham assolado cidades inteiras antes de Sin, Ishtar e Zakar os encurralarem. Sin ainda conseguia ver os cadáveres dos humanos chacinados a erguerem-se como demónios irracionais para combater.

Mas, mais do que isso, conseguia ver os seus próprios filhos a virarem-se contra ele...

Sin soltou um grunhido enquanto bania essas memórias. Só conseguiam feri-lo mais profundamente. E ele já fora suficientemente ferido. O passado ficara para trás.

Ele tinha um futuro por que lutar e precisaria de todas as suas forças para o fazer. Fechando os olhos, obrigou-se a não pensar em nada. Não sentir nada. Não podia deixar que nada tão mesquinho como a vingança ou o ódio o diminuísse. Tinha demasiadas coisas para fazer.

KAT vagueou pelas ruas de Nova Iorque, a tentar localizar Sin. Ele podia até já nem estar na cidade, mas, uma vez que ali estivera na noite anterior,

era o local mais indicado para o procurar. Um vento gelado atingiu-a enquanto avançava por entre a multidão da época festiva.

Honestamente, adorava visitar Nova Iorque no Natal. Compreendia bem a necessidade do seu pai de estar na cidade naquela altura do ano. Estava frio, é certo, mas havia um sangue de vida, com as pessoas apressadas pelas ruas, a fazer compras, a trabalhar, a viver.

Adorava especialmente as montras decoradas das lojas e os temas engraçados que os decoradores usavam. Eram maravilhosos, e a criança dentro de si ficava tonta de excitação, especialmente quando via outras crianças a soltarem gritinhos de encanto enquanto apontavam para uma montra e depois corriam para a seguinte, empurrando os adultos exasperados ao passar.

Kat nunca fora tão despreocupada. Embora tivesse sido protegida, a sua infância nunca fora inocente. Vira coisas que nenhuma criança devia ver, e embora tentasse não ser cínica, era difícil não o ser.

Mas aquelas crianças a rir, despreocupadas... aquelas que não faziam ideia de como o mundo podia ser feio — era por essas que lutava. E era por essas crianças que tinha de encontrar Sin para o deter. Ele não podia ser deixado à solta para lhes fazer mal.

Não depois do que fizera na noite anterior àquela pobre mulher. Porque profanara um corpo humano? Kat ainda não conseguira ultrapassar isso. Atingira-a de forma tão crua que ela não conseguia parar de sofrer pela mulher e a sua família, que nunca saberia o que lhe acontecera.

Era perverso, e era horrível. Mais do que isso, era simplesmente errado.

Quando parou para deixar uma menina passar na sua frente, um homem grande chocou com ela por trás. Kat olhou-o, carrancuda, quando ele a ultrapassou, a balbuciar qualquer coisa para si mesmo. Ele olhou rapidamente para a criança e silvou como um gato. Depois observou-a com um ar de especulação... como uma besta feroz a contemplar a sua próxima refeição.

Mas, quando estendia a mão para a criança, a mãe apanhou-a e repreendeu-a por ter corrido.

O homem lançou para o par um olhar zangado que fez o sangue de Kat gelar nas veias. Era antinatural. Pior, havia, nos olhos dele, um brilho vermelho que não era humano.

Ela nunca vira nada assim.

Com um último olhar de desdém, o homem pareceu mudar de ideias quanto a atacar a mãe e a filha antes de continuar o seu caminho.

Curiosa a respeito dele e das suas intenções, Kat seguiu-o discretamente. Se não fosse a luz do dia a brilhar tão fortemente, julgá-lo-ia um *daemon* à procura de uma alma humana que pudesse roubar para alongar a sua vida. Mas isso não era possível. Por causa da maldição de Apolo sobre

aquela raça, nenhum dos *daemones* podia sair enquanto o Sol brilhava. Se o fizessem, irrompiam em chamas.

O que era aquele, então?

Mais importante, a que panteão pertencia? Se não era humano, e não era *daemon*, tinha de ter sido criado por algum deus. A questão era: com que objetivo?

Kat usou os seus poderes, mas a única coisa que conseguiu sentir foi o espírito humano e a sua fúria, enquanto vagueava por ali.

Talvez fosse simplesmente lunático...

Viu-o voltar subitamente para uma rua lateral onde não havia pessoas. Alguma coisa dentro dela compelia-a a ignorá-lo e continuar a sua busca por Sin.

Kat não o fez. Não conseguia deixar uma coisa daquelas por investigar. O homem não estava a tramar nada de bom, e ela era uma das poucas pessoas que o podiam deter. Nunca seria como a sua mãe e ignoraria simplesmente a dor das pessoas. Não quando a podia evitar.

Assim, em vez de continuar em frente, seguiu o homem pela rua deserta.

Não tinha avançado muito quando ele se voltou para ela a rosnar ferozmente.

Desta vez, os seus olhos eram de um vermelho flamejante a ondular em volta das pupilas negras. Ele abriu a boca e mostrou-lhe uma fila dupla de presas antes de a agarrar pelos ombros e a atirar contra a parede.

Aturdida com o seu ataque e aparição, ela voltou-se para lhe bater. Ele agarrou-lhe a mão, depois apanhou-a pela garganta e empurrou-a de novo contra a parede com tanta força que a abalou até ao âmago dos seus ossos. Se fosse humana, tê-la-ia deixado inconsciente ou morta.

Assim, doeu como o inferno — e irritou-a seriamente.

— O que és? — perguntou ela.

Ele não respondeu e ergueu-a do chão — o que não era feito de pouca monta, visto que ela media dois metros e era de constituição sólida — e lançou-a contra um carro estacionado com tanta força que amolgou a carroçaria. O para-brisas estilhaçou-se debaixo dela ao mesmo tempo que o alarme desatava a tocar. Ela mal conseguia respirar e sentiu o sangue na boca. A dor era perfurante.

Tentou mover-se, mas tinha o braço partido e parecia estar presa no para-brisas amolgado e partido. De olhos ardentes e vermelhos, o homem dirigiu-se para ela.

No momento em que a alcançou, ela viu qualquer coisa cair do alto do edifício na sua frente. Nada mais do que uma sombra negra atingiu o chão com tanta força que rachou o betão.

Ela levou um segundo a perceber o que era, e o que viu chocou-a ainda mais do que a criatura que a estava a atacar.

Era Sin, vestido todo de pele preta. Agachado, ergueu-se lentamente, preparado para a batalha. Os seus olhos estavam fixos no homem na frente dela.

— *Gallu* — disse ele num tom baixo e sinistro. — Experimenta meter-te com alguém que te dê resposta.

O homem deixou-a para o atacar. Lançou-se contra Sin, que ergueu um braço para deter o golpe com o braçal prateado antes de desferir um soco poderoso no queixo do homem, que cambaleou para trás. Sin esmurrou-o no peito com força, fazendo-o recuar mais um passo.

Enquanto o homem vacilava com os golpes, Sin puxou o longo casaco para trás para mostrar um grande punhal. O homem atirou-se a Sin de boca aberta, tentando mordê-lo. Sin atirou-se ao chão e puxou-lhe os pés, fazendo-o cair no cimento com força. Sin voltou-se e enfiou-lhe a lâmina entre os olhos.

O homem gritou, contorceu-se no passeio enquanto esbracejava e pontapeava no ar.

— Oh, cala-te lá — grunhiu Sin antes de arrancar o punhal do corpo dele e o apunhalar de novo.

Kat deslizou de cima do carro, agarrada ao braço partido, e, antes de o poder deter, Sin decapitou o homem morto e pegou-lhe fogo ali mesmo no passeio. Ela estremeceu de horror. Estavam em plena luz do dia, e Sin nem parecia preocupar-se.

Qualquer pessoa poderia ver aquilo.

Antes que se pudesse mover, Sin estava na sua frente, a agarrá-la.

— Foste mordida?

Ele nem sequer a olhou no rosto antes de a começar a revistar. Ela arfou quando Sin lhe tocou no braço partido, mas ele não fez uma pausa na sua inspeção.

Quando lhe levantou a camisa para inspecionar a barriga, ela desviou-lhe a mão com uma palmada.

— Tira as mãos de cima de mim.

— Ele mordeu-te? — vociferou Sin, pontuando cada palavra com dureza.

Foi quando ergueu o olhar para a cara dela e estacou.

Um segundo depois, agarrou-a pelo pescoço e começou a apertar.

Capítulo

TRÊS

KAT ergueu as pernas e repeliu-o com um pontapé. Sin caiu no chão com um *uof* antes de se levantar de um pulo e investir de novo contra ela.

Ela afastou-se do carro e esquivou-se às mãos dele, depois conteve a respiração quando sentiu a dor no braço — o que a deixou ainda mais zangada.

— Acredita em mim, idiota, não vais querer meter-te comigo.

As narinas dele dilataram-se.

— Ah, quero, sim. Ando há séculos a sonhar em estrangular-te.

Que raio queria ele dizer com aquilo?

De repente, o som de sirenes a aproximar-se cortou o ar. Kat virou a cabeça para ouvir, mas, no instante em que o fez, ele agarrou-a.

Desta vez, quando ela investiu, ele moveu-se mais depressa do que era humanamente possível. Num segundo estavam no meio da rua e no momento seguinte ficou tudo preto.

Sin sorriu maldosamente quando Ártemis caiu nos seus braços. Era verdade que lhe faltava o grosso da sua força divina, mas, depois de Ártemis o roubar, o seu irmão providenciara para que ele tivesse ainda força suficiente para se proteger.

Mesmo contra deuses.

E mal podia acreditar que o destino tivesse sido tão favorável a ponto de atirar aquela cabra mesmo para o seu caminho... Agora ela estava em seu poder, e ia fazê-la pagar pelo que lhe fizera.

Sorrindo com este pensamento, transportou-se para a sua *penthouse*

em Las Vegas. Sem cerimónias, atirou com a prisioneira para o seu sofá de pele preta antes de ir ao quarto buscar alguns artigos de que necessitava. Manter uma deusa refém era um trabalho complicado. Quando acordasse, ela ficaria lixada e com desejo de sangue.

O sangue *dele*.

Por conseguinte, precisaria de algumas coisas para garantir que ela não usaria os seus poderes para lhe arrancar o coração. Abrindo o roupeiro, desviou as roupas para um lado. Escondida atrás delas estava a sua caixa-forte. A porta era feita de bronze polido e tinha um *scanner* de mão e retina. Impressionantemente moderno, dado o facto de pertencer a um antigo ex-deus sumério. Mas a adaptação era imprescindível, quando se estava preso no inferno que era o mundo humano moderno.

Ele abriu a porta e penetrou no seu interior, onde guardava o que restava do seu próprio templo em Ur — as poucas coisas que Ártemis não destruía depois de o eliminar. Não era muito, uma ou duas urnas de ouro e a bandeja de altar onde em tempos os seus adoradores tinham deixado oferendas. Também ficara com algumas estátuas, mas a maior parte do conteúdo da caixa-forte fora trazido dos templos da sua filha. Após a morte dela, ele tentara resgatar qualquer coisa que ostentasse a sua imagem, e aquelas coisas estavam todas cuidadosamente preservadas em caixas de vidro à sua volta.

Mas não fora isso que o levara ali. O que procurava estava no canto ao fundo, numa caixa de couro que rangeu sinistramente quando a abriu. Um sorriso sádico curvou-lhe os lábios quando encontrou o objeto mais importante que guardara durante todos os séculos.

O *diktyon* que Ártemis usara para o imobilizar enquanto sugava os seus poderes. Alguma coisa na sua composição tornava impotente qualquer imortal. Podia deixá-lo preso e indefeso.

Ainda tinha presente a humilhação que sentira ao ficar à sua mercê.

E, depois de o esvaziar, a cabra abandonara-o no deserto, ainda amarrado na rede.

— Obrigada por seres tão complacente. Agora vou virar os que restam do teu patético panteão uns contra os outros, até terem todos desaparecido. — O riso dela vibrara nos seus ouvidos.

Como uma cria de leite, fora forçado a clamar por ajuda para a sua família. O pai rira-se e depois virara-lhe as costas... tal como todos os outros. O único a mostrar piedade fora o seu irmão, Zakar. Se não fosse ele, Sin ainda estaria no deserto.

A apodrecer, ou pior.

Claro que, pouco tempo depois, o riso deles desvanecera-se. Ártemis cumprira a sua promessa. Quase todos os membros da sua família tinham sido destruídos pelos deuses gregos. Os gregos absorveram os seus poderes

e substituíram-nos ou viraram-nos uns contra os outros até não restar ninguém. Isso acontecera três mil anos antes.

Agora estava na altura do acerto de contas.

Pegando na rede, dirigiu-se para o sofá onde deixara Ártemis a «dormir».

Ela continuava deitada no mesmo sítio, inconsciente. Ótimo. *Sabes, podias matá-la mesmo aqui. Neste preciso momento...*

A tentação era forte. Mas, depois, que gozo lhe daria isso? Ela estava inconsciente. Não sentiria nada. Não saberia. Além disso, era uma deusa. Matá-la enquanto ainda tinha a sua divindade causaria uma falha no universo.

A única maneira de destruir deuses era dispensar ou absorver os seus poderes e depois matá-los.

Para não mencionar que tinha de a ver sofrer. Ele queria olhá-la diretamente nos olhos quando sugasse os seus poderes e restabelecesse a sua própria divindade — queria que ela conhecesse a abjeta humilhação e dor de se ver completamente vulnerável.

E isso só poderia acontecer se ela estivesse desperta e viva.

Raios.

Com isto em mente, não teve pressa em embrulhá-la na rede. Deixá-la ser apanhada pela sua própria arma. Era justo. Se tivesse sorte, ela choraria como um bebé e suplicaria por uma misericórdia que ele não estava disposto a mostrar-lhe.

Oh, sim, já a podia ouvir...

«Por favor, Sin, deixa-me ir, por favor, eu faço o que quiseres.»

«Ladra como um cão.»

E ela fá-lo-ia. Estaria a chorar, e histérica. E ele iria simplesmente rir-se. Saboreava já a mera ideia do que ia acontecer.

Sin fez uma pausa ao prender-lhe os pés e olhou-lhe o rosto de relance. Para sua mais profunda consternação, teve de admitir que era bela — de uma forma letal, venenosa, como uma serpente. Nos seus sonhos assassinos, esquecera-se exatamente de como ela era graciosa e atraente.

Mas ali, naquele momento, recordou coisas que enterrara três mil anos antes. Ele fora ao seu templo naquele dia porque ela o intrigava. Claro, as deusas eram sempre bonitas, mas Ártemis era excepcionalmente bela, mesmo para os seus padrões elevados. Ela dissera-lhe como estava solitária. Como queria alguém que a compreendesse. Ele, estupidamente, considerara-a uma alma gémea.

E depois, como todos os outros que alguma vez conhecera, ela traíra-o. Alma gémea, nada. Ela rira-se na sua cara e reduzira-o a um mortal patético.

Agora não via nada de bonito nela. Mas achou, de facto, estranho que tivesse cabelo louro, em vez do vibrante ruivo por que era conhecida. Talvez fosse porque estava no mundo dos homens e se tentava passar por eles, por qualquer razão.

De qualquer maneira, o corpo era igual. Alto, gracioso e forte, ela era proporcionada como a deusa que era. Qualquer homem, imortal ou não, seria capaz de matar para ter acesso a uma mulher como aquela. E Sin recordava um tempo em que se sentira tão atraído por ela que teria feito qualquer coisa para a fazer feliz.

Agora, a única coisa que queria era matá-la.

— Ei, Sin?

Parou quando viu o seu servo, Kish, a entrar na sala. Com pouco menos de um metro e oitenta, Kish aparentava andar pelos vinte e cinco anos, mas, na realidade, o homem tinha quase três mil. Como Sin, tinha cabelo preto como a noite e pele muito morena, mas o seu cabelo, ao contrário do de Sin, passava-lhe dos ombros.

Kish estacou quando viu a mulher no sofá.

— Eeh, chefe, o que estás a fazer?

— O que é que te parece que estou a fazer?

Kish fez uma careta enquanto coçava a área mesmo acima da orelha esquerda.

— Parece-me uma coisa bastante perversa. E cabe-me recordar-te que raptar uma mulher nesta altura e nesta era, e em particular neste país, é um crime grave.

Sin não tinha vontade de rir.

— Sim, e no teu período original era um crime grave que tinha como pena o corte dos testículos do homem, antes de ser decapitado.

Kish estremeceu à menção da castração e cobriu-se.

— Pois, e então porque a estás a raptar?

— Quem disse que a raptei?

— O facto de estar inconsciente e amarrada... completamente vestida. Calculo que, se fosse realmente uma tara qualquer e ela estivesse a cooperar, estaria acordada e nua.

Kish tinha alguma razão.

Ele avançou e olhou-a mais de perto antes de se virar novamente para Sin.

— Então, quem é ela?

— Ártemis.

— Ártemis quê?

Sin olhou-o duramente.

— Tu sabes. A cabra da deusa grega que me roubou os poderes.

Kish soltou uma risada nervosa.

— Tens a deusa amarrada como um peru no teu sofá. Perdeste o juízo?

— Não — disse Sin, enquanto era invadido por uma justificada fúria. — Tive uma oportunidade e aproveitei-a.

O rosto de Kish ficou cor de cinza.

— E, quando ela acordar, vamos ser os dois transformados em churrasco. Churrasco queimado. Churrasco estorricado. O que quer que seja para lá de estorricado. É assim que vamos ficar. — Moveu o indicador para a frente e para trás entre eles para enfatizar a sua iminente condenação. — Ela vai dar-nos cabo do cu. E, sem ofensa, não quero que o meu cu seja dado cabo por uma deusa... bem, a não ser que seja a Angelina Jolie num *body* preto e saltos agulha. Essa Angie podia passar os seus saltos agulha por cima de mim, mas esta... — Fez um gesto para Ártemis. — Esta vai esventrar-me de uma maneira dolorosa, e eu queria evitar isso a todo o custo.

Sin abanou a cabeça perante a histeria do homem.

— Acalma-te lá antes que me molhes o tapete e tenha de te pôr no jornal. Ela não nos vai dar cabo do cu. Esta rede nega-lhe os poderes. Foi assim que me despojou dos meus e me deixou humilhado.

Kish inclinou a cabeça, como se quisesse acreditar mas não tivesse a certeza se deveria.

— Tens a certeza disso, chefe?

— Absoluta. O *diktyon* foi concebido como uma armadilha para deuses e imortais. Enquanto estiver ali presa, estamos bem.

Kish continuava encolhido.

— Não me parece que «bem» seja a palavra que eu usaria nesta situação. Usaria mais «lixados», ou «mortos», até. Ela não vai ficar contente com isto.

Como se Sin se estivesse a preocupar com o que ela ficava ou não contente.

— Quando eu tiver os meus poderes de volta, isso não terá a mínima importância. Ela não estará em posição de fazer mal a qualquer um de nós.

— E como é que vais fazer isso?

Sin não fazia ideia. Honestamente, nem sabia bem como ela lhos roubara, para começar. Depois de lhe ter dado néctar a beber no seu templo, as coisas tinham ficado ofuscadas e ele não sabia com absoluta certeza o que ela lhe fizera. Acreditava que Ártemis lhe sugara os poderes bebendo o seu sangue. Pessoalmente, não queria beber o sangue dela — não havia como saber que doenças a cabra poderia ter: raiva, esgana, parvovirose... Mas, se isso o restabelecesse, fá-lo-ia.

Primeiro, ela tinha de lhe dizer se uma troca de sangue funcionaria.

Lançou um olhar carrancudo ao seu servo.

— Não tens nada para fazer?

— Não fosse o facto de isso resultar em ficar com todos os ossos do corpo partidos e a chorar pela minha mamã, eu ia chamar a polícia. Assim, neste caso, acho que o meu pescoço será mais bem protegido se tentar pôr algum bom senso nessa tua cabeça.

Sin cerrou os dentes.

— Kish, se dás valor à tua vida, sai daqui e não me apareças mais.

Mas, no instante em que Kish deu um passo atrás, Sin foi consumido por uma sensação de temor. Kish estava demasiado em pânico, e quando em pânico, as pessoas faziam sempre coisas incrivelmente estúpidas — como chamar a polícia à casa de um imortal que nem sequer queria começar a explicar porque tinha uma mulher presa por uma rede no seu sofá.

Ou, pior, chamar Acheron, que se passaria com Sin se soubesse alguma coisa do que estava a acontecer.

Por isso, Sin congelou-o onde estava.

Sin olhou para a estátua de Kish com satisfação.

— Pois, agora acalma-te e deixa que me preocupe com isto.

Era o melhor, e assim não teria de matar Kish mais tarde. E, enquanto isso, selou a porta, para mais ninguém o incomodar.

KAT despertou com o braço a doer. Tentou retirar o seu peso de cima dele, só para perceber que não conseguia. Uma rede leve como uma pena cobria-lhe o corpo. Infelizmente, conhecia bastante bem aquela rede.

O *diktyon* de Ártemis.

Kat foi consumida pela revolta contra aquela partida que já era velha há séculos, quando outra das damas de Ártemis tinha pensado que prendê-la daquela maneira seria divertido. Nunca mais aprenderia aquela mulher que Kat não achava isto divertido?

— Pronto, Satara, para com esta brincadeira estúpida e deixa-me levantar.

Mas quando os olhos de Kat se focaram, percebeu que não estava em casa e que Satara não estava ali a rir-se para ela.

Em vez disso, viu um homem que despejava todo o seu ódio por ela no olhar. Outra vez.

Soltou um som de profunda indignação.

— Qual é o teu problema?

— Simples. Quero os meus poderes de volta.

Claro que queria. Que deus não quereria os seus poderes de volta?

Mas o inferno de Lúcifer teria de congelar antes que ela permitisse que um psicopata daqueles tivesse a mais pequena ponta de poder.

— Ah, bem, então azar.

Ele franziu o lábio.

— Não brinques comigo, Ártemis. Não estou na disposição.

— E eu também não, idiota. Para o caso de não teres reparado, eu não sou a Ártemis.

Sin parou ao ouvi-la e olhou-a mais atentamente. Havia pequenas coisas nela que eram diferentes. Mas a mulher tinha os mesmos olhos verdes. As mesmas feições. Era Ártemis. Conseguia sentir o poder que dela emanava.

— Não mintas, cabra.

Ela tentou pontapeá-lo, mas ele esquivou-se.

— Não te atrevas a chamar-me isso, parvalhão. Não aceito isso de ninguém, e muito menos de uma pessoa como tu.

— Dá-me os meus poderes e eu tenho todo o prazer em libertar-te.

— E ele falava a sério. Assim que tivesse os seus poderes, ia matá-la, e ela seria livre.

— Olha, cabeça dura, não posso dar-te o que não tenho. Eu. *Não*. Sou. A. Ártemis. — Martelou cada palavra enquanto falava.

Ele debruçou-se sobre a mulher para lhe deixar ver a quantidade exata do desprezo que sentia por ela e pela sua fingida convicção.

— Pois, claro. Achas que eu alguma vez poderia esquecer a cara que me assombrou durante três mil anos? O rosto da mulher cuja garganta queria cortar?

Ela rosnou-lhe literalmente como uma criatura selvagem.

— Põe isso na tua cabeça. Eu não sou a Ártemis.

— Então quem és?

— O meu nome é Kat Agrotera.

Foi a vez de ele troçar.

— Agrotera, hein? — Agarrou a rede sobre o peito dela e puxou-a para cima de forma a ficarem de olhos nos olhos. — Boa tentativa, Ártemis. Agrotera significa «caçadora». Achaste que eu ia esquecer que era um dos nomes com que os teus seguidores te designavam?

Ela debateu-se contra a mão que a agarrava.

— E também é o epíteto usado pelas *koris* de Ártemis... que é o que eu sou, imbecil.

Ele riu-se na cara dela.

— És uma das aias de Ártemis? Achas que sou assim tão estúpido? Enganaste-me uma vez, não vais enganar duas.

Kat soltou um longo sopro de frustração. Na verdade, tinha poder

para quebrar a rede. Mas, se o fizesse, dar-lhe-ia uma grande indicação do poder que possuía e de quem era realmente. Esse era um conhecimento que uma criatura daquelas não precisava de ter.

Não, era melhor deixá-lo pensar que estava impotente e sem recursos.

— Acredites ou não, é o que eu sou.

Ele deixou-a cair novamente no sofá antes de lhe oferecer um olhar de repugnância.

— Ártemis nunca permitiria ter por perto uma *kori* da sua altura. Nem ninguém com a mesma cor de olhos. É demasiado vaidosa para isso. *Tu* és demasiado vaidosa.

— Se quiseres ser picuinhas, eu até sou mais alta do que ela. Não te lembras dessa parte?

Sin hesitou. Honestamente, não se recordava da altura exata de Ártemis — passara muito tempo desde a última vez que a vira. Só se lembrava que ela tinha mais de um metro e oitenta de altura.

— Mantenho o que disse. A Ártemis nunca toleraria no seu templo uma *kori* mais alta do que ela.

— Notícia de última hora: ela amoleceu com o tempo.

Sim, claro.

— Claro que amoleceste... tanto como eu.

A mulher atirou a cabeça para trás e soltou um grunhido irritado.

— Olha, pareces ter problemas de que eu nem sequer quero saber. Deixa-me ir embora e vamos os dois esquecer que isto alguma vez aconteceu. Se não deixares, vais arrepender-te duramente.

Ele riu-se.

— Desta vez, não, Ártemis. *Tu* é que te vais arrepender. Quero os poderes que me roubaste. Enganaste-me e depois roubaste-me tudo exceto a vida, e olha que quase ma levaste também.

Kat ficou rígida quando aquelas palavras roçaram uma memória profundamente enterrada dentro de si. Mas era vaga e fugidia, e não a conseguia fixar, por isso regressou ao que recordava do evento.

— *Tu* ias matar a Ártemis. Ela disse que a odiavas... que lhe assaltaste o templo e a tentaste violar e... — As palavras interromperam-se quando ela percebeu a mentira que Ártemis lhe contara. Como podia um deus de outro panteão ter entrado no templo de Ártemis no Olimpo sem um convite?

Era uma coisa que não ocorrera a Kat nessa altura. Era demasiado nova e estava com demasiado medo que ele magoasse ou matasse Ártemis. Nessa altura, muitos dos deuses andavam em guerra uns com os outros e aqueles que os controlavam estavam num hiato. Houvera muitas ameaças contra Ártemis e fora por diversas vezes que ela escapara por pouco.

Mas uma coisa teria sido impossível. Um deus estranho não poderia entrar no domínio de outro sem convite.

Oh, deuses, fora outra meia-verdade...

Ele franziu o sobrolho.

— De que é que estás a falar? Perdeste o juízo?

— Não — disse Kat, enquanto era consumida por uma onda de culpa. — Não sou a Ártemis. Solta-me.

— Não enquanto não tiver os meus poderes de volta.

Aquilo estava a tornar-se aborrecido.

— E, pela última vez, não posso dar-te uma coisa que não tenho.

— Então vais ficar nesta rede até ao fim da eternidade.

Ela soltou um ronco.

— Bem, isso é mesmo inteligente, não é? Vais fazer o quê? Pôr as bebidas em cima de mim ou usar-me apenas como tema de conversa sempre que tiveres visitas? E nem vamos pensar no que vai acontecer quando precisar de ir à casa de banho, pois não? Espero que tenhas conta aberta no *Sofa Express*.

Sin não tinha a certeza se havia de ficar divertido ou consternado com a explosão da mulher. Tinha de o admitir, ela tinha mesmo jeito para a imagística.

— Bem, estou a ver que és um poço de sarcasmo.

— Oh, espera. Ainda nem sequer comecei. — Kat retraiu-se quando ergueu o braço e a dor disparou até ao seu ombro.

Sin sentiu um agulhão na consciência e odiou-se por causa disso. Ela que sofresse. Que lhe interessava? E, no entanto, a parte de si que mais desprezava — a parte que se mantivera compassiva — suplicava-lhe que a ajudasse.

Mas ela tinha razão. Deixá-la naquela rede não ia servir de nada a nenhum deles.

— Olha, Ártemis, ou, assumindo que isto não é mais uma das tuas mentiras e truques, Kat, tenho de recuperar os meus poderes. É imperativo.

— Claro. Só os queres de volta para poderes matar a Ártemis e vingar-te dela.

— Não te vou mentir e dizer que isso não é verdade. É verdade. Quero que ela morra de uma maneira que nem podes imaginar. Mas tenho problemas maiores, neste momento. E acabaste de conhecer um deles naquela rua em Nova Iorque.

Kat fez uma pausa enquanto pensava na criatura com que lutara. Fora assustadora, certamente.

— Assumo que te referes àquela... coisa que me atacou.

— Sim. Os demónios *gallu* estão a multiplicar-se descontroladamen-

te e as Dimme estão prestes a ser postas à solta e eu sou a única pessoa viva que os pode segurar. Se não tiver os meus poderes para os combater, o mundo vai acabar. Lembras-te do que aconteceu a Atlântida? Isto vai fazer com que esse acontecimento pareça uma brincadeira de crianças.

— Sem ofensa, velhote, Atlântida foi destruída antes de eu nascer, por isso não me lembro de nada disso.

Mas ela conhecia as histórias a respeito da maneira como o continente se afundara.

Deixou-se ficar calada por um momento, a pensar. Sabia que Ártemis não era digna de confiança. Mas não sabia se o mesmo era verdade em relação a Sin. Estaria a inventar uma treta ou havia verdade no que lhe dissera?

— E aquelas pessoas de ontem à noite? Porque é que as decapitaste e queimaste?

Percebeu que era a pergunta errada quando os olhos dele brilharam de raiva assassina.

— Estavas a espiar-me?

— A Ártemis mandou-me fazê-lo, por isso, sim, estava. — A raiva de Sin era tão potente que ela podia honestamente senti-la a encher o ar entre os dois. — Não olhes para mim dessa maneira. Eu posso espiar, se quiser.

— E estavas a espiar-me porquê?

Kat encolheu-se um pouco. Dizer-lhe o que Ártemis queria realmente — a sua morte — iria muito provavelmente deixá-lo ainda mais lixado. Por isso optou por uma explicação mais delicada.

— A Ártemis queria saber o que estavas a tramar. Pensou que andavas a tentar matá-la.

— Pois, mas, por muito que queira essa cabra morta, neste momento tenho problemas mais graves. — Fez uma pausa antes de voltar a falar. — Cortei as cabeças dos *gallu* e queimei-os porque, se não o fizer, eles regressam como um refugio de um mau filme de terror.

Isso, pelo menos, explicava parte da coisa, mas não explicava porque ele profanava também os cadáveres das suas vítimas.

— Porque fizeste o mesmo àquela humana?

— O que é que tu achas? Uma única dentada de um *gallu* e a sua vítima transforma-se num demónio irracional que eles podem controlar. A decapitação é muito mais simpática do que aquilo que eles fazem a humanos como ela. Sempre que um humano morre às suas mãos, tem de ser decapitado e queimado, ou também regressa.

Ah... Não admirava que ele a tivesse revistado freneticamente em busca de uma marca de mordedura antes de lhe bater.

— Foi por isso que queimaste o teu braço ontem à noite?

Ele anuiu.

— Se o apanhares a tempo, podes cauterizar o ferimento e impedir que o veneno se espalhe pelo teu corpo.

Sim, mas aquilo devia doer, e ela ficou a pensar quantas vezes teria ele já feito aquilo no passado.

— Só por curiosidade... a Ártemis sabe dos *gallu*?

— Não sei, Ártemis. Sabes?

Ela suspirou perante a insistência de que era a sua própria chefe.

— Pensei que já tínhamos ultrapassado esta parte.

— Até ver alguma prova conclusiva, não, não ultrapassámos. Mantenho o que sei a teu respeito, sua cabra. Agora, devolve-me os meus poderes.

A fúria explodiu nas veias dela perante a burrice e as ofensas daquele homem. O que o poderia fazer compreender que não era Ártemis?

Parte a rede e depois parte-lhe a cabeça...

Aquele impulso era tão grande que teve dificuldade em contê-lo.

— *Katra?*

Kat deu um pulo ao som da voz de Ártemis na sua cabeça.

— *O que se passa? Porque estás tão zangada? A Apollymi está a aborrecer-te?*

Kat revirou os olhos.

— Para de me espiar.

Sin torceu o lábio.

— É difícil não o fazer, contigo estendida no meu sofá. Já para não mencionar que isso é engraçado, vindo de ti, depois do que fizeste ontem à noite.

Ela fez uma careta para Sin, ao perceber que tinha falado em voz alta.

— *Katra? Diz-me o que se passa ou vou ter de ir aí ver qual é o problema. Não é nada teu, ficar tão irritada.*

Agora está preocupada comigo? Kat não sabia o que mais a exasperava, ser amarrada por um ex-deus sumério ou tratada com condescendência por uma deusa grega.

Ah, espera, a vitória ia, definitivamente, para o ser amarrada.

— *Está tudo bem, Matisera* — disse ela em silêncio a Ártemis. — *Tudo controlado.*

— E porque é que estou a achar tão difícil acreditar nisso? — Ártemis apareceu na sala mesmo na frente de Kat, de mãos nas ancas. Com um longo vestido branco, Ártemis usava o vibrante cabelo ruivo solto, a flutuar em volta do seu corpo.

Kat retraiu-se ao perceber o que a deusa tinha feito.

Sin deu meia-volta. O seu queixo caiu ao dar pela presença de Ártemis e perceber que Kat não lhe estava a mentir. Obviamente, ela não era a deusa, afinal.

Ártemis, para seu crédito, não entrou em pânico. Em vez disso, olhou-o como se fosse meramente um aborrecimento menor.

— Uau, olha só quem aqui está. — Lançou um olhar penetrante a Kat. — O que é que ele está aqui a fazer?

Sin soltou uma praga ao perceber que tinha sido enganado pelas duas. Esquecida a aia, dirigiu-se para Ártemis, mas, antes de a alcançar, a aia apareceu subitamente na sua frente.

Como raio se soltara da rede? Sabia por experiência própria que ela não se abria facilmente. Mas isso não era um problema para resolver naquele momento.

O que mais importava era pôr as mãos em cima de Ártemis.

— Acalma-te — disse Kat, agarrada ao braço.

Ele abanou a cabeça.

— Sai da minha frente, rapariga. Não me vais impedir de fazer o que quero.

Ártemis revirou os olhos.

— E o que é que tu queres? Os teus tristes poderes de volta?

Sin investiu contra ela, mas Kat apanhou-o pela cintura e lançou-o ao chão com uma força que ele nunca imaginara possível numa mulher — especialmente tendo em conta o facto de ter um braço partido.

Ela aterrou em cima dele.

Desviando-a, ele rosnou:

— Não te quero magoar, mas isso não significa que não o farei, se for preciso.

Kat olhou-o severamente.

— Idem.

Tentou passar por ela, mas a mulher era como velcro. Kat colou-se ao corpo dele e impediu-o de se aproximar de Ártemis.

Esta troço da batalha que estava a ter lugar.

— Sai da frente, Kat, para o poder destruir.

Sin parou quando finalmente se acalmou o suficiente para perceber uma coisa altamente importante. Olhou para Katra, depois para Ártemis.

E, ao fazê-lo, soube exatamente como recuperar o domínio da situação.

Puxou o longo punhal da sua bota antes de agarrar Katra e lhe levar a lâmina à garganta. Lançou um olhar penetrante a Ártemis.

— Devolve-me os meus poderes, Ártemis, ou eu roubo a vida à tua filha.

Capítulo

QUATRO

KAT estremeceu quando Sin falou uma verdade que apenas as mais corajosas das almas alguma vez se tinham atrevido a sussurrar. E nunca ao alcance do ouvido de Ártemis.

Kat inclinou-se para trás, distanciando-se da faca.

— Bolas, meu, tens mesmo um dom para irritar as pessoas. — Como foi provado pelo guincho de indignação de Ártemis. — Porque é que não lhe dizes que aquele vestido a faz parecer mais gorda, já agora?

Ele respondeu aproximando mais a lâmina do pescoço de Kat.

— Não estou a brincar, Ártemis.

O rosto desta tornou-se de pedra.

— Nem eu.

Antes que Kat pudesse sequer pestanejar, o punhal desviou-se da sua garganta. E sentiu-se a ser arrancada dos braços de Sin por uma força invisível um instante antes de a faca lhe ser arrancada das mãos e mergulhada no peito dele, três vezes. À terceira, ficou enterrada até ao punho, onde girou lentamente no seu peito.

Sin praguejou antes de a arrancar.

Kat ergueu uma mão para Ártemis, tentando acalmar a situação.

— Matisera...

— Não te metas nisto, Katra. Vai para casa.

Pelo tom de voz de Ártemis, Kat sabia que devia obedecer. Mas não podia deixar que Sin morresse, se o que ele dissera sobre os *gallu* era verda-

de. Eles não podiam ser deixados à solta sem alguém que soubesse como os combater.

Ártemis foi atrás dele.

— Está na hora de terminar o que começámos.

Sin levantou-se e correu para Ártemis, mas não tinha chegado perto quando foi atirado contra a parede na outra ponta da sala. Ele gemeu, depois estendeu o braço.

Ártemis foi lançada em voo.

Kat deu um passo na direção da mãe para a proteger. Mas antes de poder dar o segundo, a voz de Ártemis fez-se ouvir fortemente.

— Deimos!

Kat estacou ao mesmo tempo que um homem grande e de aspeto feroz apareceu ao lado de Ártemis. Vestido completamente de negro, Deimos tinha cabelo preto curto com largas madeixas brancas — um estilo de cabelo muito diferente do que tinha na última vez que se tinham encontrado. Era aterrador em aparência, especialmente com a tatuagem que começava como um ligeiro *eyeliner* em volta dos seus olhos de um azul-elétrico e depois zigzagueavam desde os ductos lacrimais, passando pelas faces, até ao pescoço. Belo e mortífero, ficou na frente das mulheres de pernas abertas, a cabeça baixa como um predador e os braços a postos dos lados, perto das armas — uma espada e uma pistola —, pronto para a batalha.

— Suga-lhe os poderes e mata-o — rosnou Ártemis.

Kat conteve a respiração ao ouvir a ordem. Uma vez emitida, não podia ser retirada. Deimos era um dos mais perigosos dos Dolophoni. Filho das temidas Fúrias, era um dos deuses a que se apelava quando em necessidade de um Exterminador impiedoso, e ele não pararia enquanto Sin não estivesse morto.

Deimos correu para Sin e atirou-o ao chão.

— O que fizeste, Matisera?

— O que devia ter feito desde o princípio. — Ártemis tentou transportar Kat para fora da sala, mas, uma vez que cedera os serviços de Kat à sua avó, já não tinha esse poder.

A mãe de Kat vociferou:

— Sai daqui, Katra. Já.

Mas ela não podia. Era por sua causa que Sin estava naquela embrulhada e, embora este estivesse a dar uma boa resposta a Deimos, no final, ela sabia quem venceria.

E não seria Sin.

Sin lutava com uma mão presa atrás das costas e três terríveis ferimentos no peito, enquanto Deimos podia convocar todo o poder de todo o panteão grego para o matar — era um dos muitos benefícios concedidos às

Fúrias e à sua prole. E, embora Sin pudesse merecer a morte, não merecia uma morte daquelas.

Não depois do que lhe tinham feito e se o que dissera era verdade. Precisariam dele para combater os demónios do seu próprio panteão.

— Desculpa, Matisera. — Kat mal teve tempo para registar a confusão no rosto de Ártemis antes de correr para Sin. Ele estava encostado à parede, a lutar, enquanto Deimos puxava da sua espada para acabar o serviço. Kat agarrou em Sin de lado e transportou-se do apartamento dele para a sua própria casa, em Kalosis.

Aterraram numa pilha de membros torcidos no centro da sua sala às escuras. Sin sibilou antes de a empurrar de cima dele. Kat não foi longe. Ele estava a sangrar profusamente, mas o que mais a preocupava era o ferimento profundo que o punhal provocara. Se ele fosse mortal, aquilo ter-lhe-ia sido fatal, e estava provavelmente a causar mais dor do que ele desejava.

Aproximou-se.

— Precisas de ser tratado.

Ele olhou-a, com um ar zangado.

— Onde estamos? O que foi que fizeste?

— Impedi que fosses morto.

Ele afastou-lhe a mão da ferida.

— Oh, acredita, eu podia ter-me safado sozinho.

Kat sentou-se sobre as pernas.

— Sim, estavas a fazer um ótimo trabalho. Gostei particularmente da maneira como estavas a magoar-lhe os punhos com a tua cara. Mais alguns minutos e tenho a certeza que o teu coração também se teria envolvido no ataque... depois de te ser arrancado do peito.

Ele fez-lhe uma careta.

— O que é que tu sabes?

— Mais do que desejaria, na maior parte das vezes.

Sin franziu o sobrolho ao ouvir a ambiguidade na voz dela. Parecia que ela estava fatigada; devia ser de Ártemis e das suas maquinações. Eram suficientes para esgotar até mesmo o mais robusto dos imortais.

E, por muito que odiasse admiti-lo, ela tinha, provavelmente, razão a respeito da sova que ele estava a levar. Devia ter pensado duas vezes antes de investir contra Ártemis sem os seus poderes completos. Fora uma estupidez, e fora uma sorte o Dolophonos não lhe ter arrancado o coração. Mas ele quisera tanto a sua vingança que nada mais, especialmente algo tão trivial como o bom senso, lhe tinha interessado.

Katra aproximou-se mais e rasgou-lhe a camisa para expor os ferimentos irregulares no seu peito, causados pelo punhal que Ártemis ali espetara repetidamente. Sin começou a empurrar Kat, mas, antes de o poder

fazer, ela fez aparecer na sua mão um pano fresco com que lhe limpar as feridas. A sua bondade não fazia qualquer sentido para ele, dada a sua composição genética. Para não mencionar que ele não estava habituado a ser ajudado por ninguém, por razão nenhuma. Toda a gente que alguma vez conhecera lhe tinha voltado as costas e deixado em sofrimento.

As pessoas não eram boas, e ele sabia-o. A não ser que o ato de bondade as pudesse beneficiar de alguma forma.

— Porque me estás a ajudar?

Ela lançou-lhe um olhar fulminante.

— Quem disse que te estou a ajudar?

Ele arqueou as sobrancelhas enquanto olhava vincadamente para a mão dela, que lhe limpava o sangue.

Ela pigarreou antes de responder.

— Não gosto de ver pessoas a serem lixadas, está bem?

— E porque é que não acredito nisso? Ah, espera, já sei. Porque és a filha da maior cabra que alguma vez viveu. Uma que vive de lixar qualquer pessoa com que entra em contacto.

— Podes parar de dizer isso? — disse Kat, com os dentes cerrados.

Como se isso o fosse calar.

— Ela é uma cabra.

— Não é isso, a outra parte. E é melhor parares mesmo de dizer as duas coisas, ou eu vou tratar-te esta ferida com um emplastro de sal.

— Porquê? Não tens orgulho na querida mamã?

Os olhos verdes de Kat fixaram-se nos seus, e estavam a fumar.

— Eu amo a minha mãe com todo o meu ser e seria capaz de matar ou morrer para a proteger. É por isso que tens de parar de falar dela dessa maneira, senão eu é que te mato.

Sin fez uma pausa quando um pensamento assustador o assaltou. Se Katra era filha de Ártemis...

Lembrava-se de Ártemis o arrastar para a sua cama quando estava com a cabeça entontecida pela bebida. Ela rasgara-lhe a camisa e depois atirara-o para o seu colchão.

Ártemis, supostamente, era virgem...

Uma sensação horrível percorreu-o.

— Oh, merda, não és minha filha, pois não?

Kat franziu a face como se fosse a ideia mais repugnante que alguma vez poderia imaginar.

— Não sejas tão vaidoso. Os teus genes nunca me poderiam criar.

Sim, claro. Ela era bela e alta — mais alta do que Ártemis, o que podia facilmente ter vindo dele. A sua pele era de um tom mais escuro... A barriga dele contraiu-se de perturbação.

— Então quem é o teu pai, se não sou eu?
— Isso não é propriamente da tua conta, pois não?
— Sou eu, não sou?
Ela revirou os olhos antes de lhe fechar as feridas com os dedos.
— Os homens, e os seus egos. Confia em mim. A minha mãe não te levava para a cama nem que estivesses coberto de chocolate.
Ah, não, agora aquilo ofendia-o.
— Desculpa? Deixa-me que te diga que, por acaso, sou bem bom na cama. As minhas capacidades não têm rival. Eu não era apenas o deus da lua. Era o deus sumério da fertilidade. Sabes o que isso significa, não sabes?
— Que tens uma grande inveja do pénis dos outros deuses da fertilidade?
Ele afastou-lhe as mãos com um empurrão, depois começou a levantar-se, apenas para fraquejar e cair de novo.
— Não te preocupes. Não falarei aos outros deuses do teu pequeno problema de pénis.
Ela aterrava-o.
— És *mesmo* a filha da tua mãe.
— E eu disse-te para parares de dizer isso.
— Porquê?
— Porque ninguém deve saber.
Ele riu-se da fúria no tom de voz de Kat.
— São o quê? Cegos? Tu és exatamente como ela.
— Não, não sou. Sou mais parecida com o meu pai. Só tenho os olhos da minha mãe. Como adivinhaste, é coisa que me ultrapassa.
— Tens a mesma voz.
Kat recuou um pouco e franziu a testa.
— Tenho?
— Tens. As pronúncias são diferentes, mas o tom não é. Soas exatamente como ela.
Kat levantou-se e afastou-se um pouco, perturbada com essa revelação. Ele era altamente perspicaz. Coisa que a maior parte dos homens não era. Por outro lado, as pessoas em geral não eram, normalmente, muito perspicazes, e isso fê-la pensar se mais alguém detetara as semelhanças entre a sua voz e a de Ártemis. Se fosse esse o caso, provavelmente tinham sido suficientemente espertos para o guardarem para si mesmos.
— Obrigado pela ajuda — disse Sin, indicando o peito tratado antes de reparar a camisa com os seus poderes. Depois tentou sair da casa dela, para perceber que não conseguia. — O que...?
Kat encolheu os ombros ao ver o olhar zangado na sua cara.
— Tens de ficar aqui.

— Deixa-te de merdas — rosnou ele.

— Não, não há aqui merda nenhuma — disse ela, indicando o chão limpo com a mão. Depois encostou o braço partido ao peito. — Sais desta casa e és um homem morto. Acredita em mim. Assim que disseste o que não pode ser dito e a minha mão chamou o Exterminador para te destruir, a tua pena de morte foi assinada.

Cada pedaço de Sin sangrava fúria.

— Não vou ser feito refém. Percebeste?

Ela riu-se da indignação dele.

— Oh, sim, está bem. Isto vindo do homem que me atacou e me amarrou como uma múmia? Aquilo foi o quê?

— Foi diferente.

— Sim, só porque era eu a vítima. Estou a fazer isto para te proteger, e tu querias matar-me. Talvez devesse mesmo deixar-te ir embora. Seria bem feito.

— Então porque não deixas?

Ela respirou fundo para se acalmar antes de falar. A fúria não resolvia nada, e ela sabia-o. Fora a fúria que deixara a sua mãe em mais confusões do que toda uma multidão de aias a conseguia fazer escapar.

— Porque quero saber a verdade sobre o que aconteceu na noite em que foste ao Olimpo. A Ártemis diz que a tentaste violar.

Ele fez um ruído de sufocação, como se tocar em Ártemis fosse a pior coisa que podia imaginar.

— E o que é que tu pensas?

— Não sei. Não me mostraste exatamente nenhuma alta fibra moral. Talvez ela tenha razão e tu tenhas mesmo tentado.

Sin foi colocar-se mesmo na frente dela. Os seus olhos tinham um brilho dourado quando ele fez um ar de aversão.

— Confia em mim, querida. Eu nunca tentei forçar mulher nenhuma. Mas, suponhamos que sim, que o tinha feito. Achas que seria tão estúpido que o fosse tentar no Olimpo, debaixo dos narizes dos outros deuses todos?

Ele tinha alguma razão, mas Kat não o ia deixar escapar tão facilmente.

— És suficientemente arrogante para isso. Seria possível.

— Claro — disse ele num grave tom de ferocidade. — Arrogante mas estúpido.

— Então o que estavas lá a fazer?

De feições impenetráveis, ele afastou-se dela, o que a fez perguntar-se o que estaria Sin a esconder. Havia qualquer coisa naquela noite em que ele nem queria pensar — ela sentia-o.

— Responde à minha pergunta.

— Não é da tua conta — bradou ele. — Agora, se me dás licença. —
Dirigiu-se para a porta.

Kat ergueu a mão e fechou o punho. A porta imediatamente desapareceu.

— Não estava a brincar. Não podes sair.

No momento seguinte, ela foi erguida no ar e encostada à parede.

— E eu também não. Deixa-me sair ou vais arrepender-te.

Ela abanou a cabeça lentamente.

— Mata-me e nunca sairás. — Ela sentiu a pressão que a colava à parede aumentar antes de ele a fazer descer novamente para o chão com uma suavidade que a surpreendeu. — Obrigada.

Ele franziu os olhos.

— Eu preciso de sair daqui. Faltam menos de três semanas para o Armagedão e tenho muita coisa para preparar até lá.

— Sim, e neste momento eu tenho um braço partido que necessita de cuidados. Por isso, vamos fazer o seguinte. Sentas-te aqui a pensar no assasínio de Ártemis e no Armagedão e eu volto num instante. Mas não partas nem mexas nas minhas coisas... ou eu dou-te cabo do couro.

Ele abriu a boca para falar, mas, antes de poder dizer qualquer coisa, ela transportou-se da pequena casa para o palácio principal de Kalosis.

Kat entrou no átrio e levou um momento a localizar a avó com os seus pensamentos. Como era típico, Apollymi estava fora, no seu jardim.

Por respeito, Kat caminhou a pequena distância pela sala do trono até às portas douradas que se abriam para o parque. A avó não gostava que as pessoas lhe aparecessem inesperadamente — Kat era a única que sabia a razão. Uma vez, em criança, ela fizera-o e apanhara a avó a chorar histericamente de mágoa e dor — era algo que Apollymi não suportava que outras pessoas testemunhassem.

Como a Grande Destruidora, só queria que os outros a vissem como forte e impiedosa. Mas a avó de Kat era muito mais do que isso. Tinha coração, e sofria, tal como toda a gente no universo.

A única coisa que Apollymi queria era que o seu filho, pai de Kat, lhe fosse devolvido. Um filho que ela amara mais do que qualquer coisa e que apenas abraçara duas vezes na sua vida. Uma vez, à pressa, quando lhe fora tirado prematuramente para ser escondido no útero de outra mulher, e no dia em que o deus grego Apolo o matara.

Não havia um dia em que Apollymi não chorasse a sua separação e sofresse pelo seu regresso. E reagia duramente perante quem quer que a apanhasse a chorar. Era uma mulher forte e orgulhosa que não acreditava em mostrar qualquer fraqueza a ninguém.

Nem sequer à própria neta. Mas Kat sentia a tristeza e mágoa de Apollymi em toda a sua crua amargura. A empatia era uma das muitas coisas que Kat herdara do seu pai. Era por isso que nunca seria capaz de embarçar Apollymi, ou qualquer outra pessoa, se o pudesse evitar.

Por isso, Kat aproximou-se lentamente, para o caso de Apollymi necessitar de tempo para se recompor. Havia uma ligeira brisa sussurrante. O jardim em si era rodeado por altos muros de mármore negro que brilhavam tanto que refletiam as imagens como espelhos.

Apollymi estava sentada num banco negro de costas para Kat. Dois demónios Charontes, um macho e uma fêmea, flanqueavam o banco. O demónio macho tinha apenas um pano a cingir-lhe os rins, deixando nu o resto do seu corpo magro e musculado. A sua pele era de um pálido castanho-avermelhado, com algum amarelo misturado. Os seus olhos eram tão pretos como o cabelo e as asas. A fêmea tinha um tom de pele vermelho-alaranjado e vestia um top de pele preta e calções. O seu cabelo era castanho-escuro e apanhado de uma forma que enfatizava a dureza das suas feições e o vermelho dos seus olhos. Os demónios estavam imóveis como estátuas, mas Kat sabia que estavam altamente conscientes da sua presença e observavam cada um dos seus movimentos.

Com um flutuante vestido negro que lhe deixava os ombros nus, Apollymi embalava uma pequena almofada no colo. Fora um presente que Simi, Charonte pessoal de Acheron, lhe levava uns anos antes. E porque detinha o odor de Acheron, Apollymi mantinha-a sempre por perto, de forma a poder sentir-se mais perto do filho que nunca podia tocar.

A avó de Kat era absolutamente bela e parecia muito serena. Com o longo cabelo louro-branco e olhos prateados, não parecia ter mais de vinte e poucos anos. A sua pele pálida era luminescente, e pequenas gotas de brilhantes cintilavam nos seus cabelos.

Voltou ligeiramente a cabeça para cumprimentar Kat, mas o sorriso de boas-vindas de Apollymi transformou-se numa expressão de apreensão ao ver o braço partido de Kat.

— Criança — disse ela baixinho, levantando-se do seu banco. Colocou a almofada no assento antes de atravessar a curta distância que a separava de Kat, de forma a poder inspecionar-lhe o braço. — O que aconteceu?

— Fui apanhada entre fogo cruzado.

— Se aquela cabra da Ártemis...

— Por favor! — disse Kat, de dentes cerrados. — Já chega de insultos à minha mãe. Serei a única pessoa existente que a ama?

Apollymi arqueou uma sobrancelha.

— Claro que és. Todos os outros a veem como ela é.

Kat franziu o sobrolho.

— Seja como for, se não fosse ela, não me terias tido. Por isso, podemos, por favor, parar de insultá-la e tratar apenas do meu braço?

As feições de Apollymi suavizaram-se instantaneamente.

— Claro, minha menina. — Apollymi tocou no ombro de Kat e imediatamente o seu braço ficou curado.

Kat respirou fundo de gratidão quando a dor finalmente se esbateu. Herdara os poderes de cura da sua avó mas, infelizmente, eles não funcionavam em si própria. O que era uma verdadeira treta quando não conseguia chegar à avó.

— Obrigada.

Apollymi sorriu, depois deu-lhe um leve beijo na testa antes de lhe espalhar afetuosamente o longo cabelo louro em volta dos ombros.

— Já não te via há algum tempo, *agria*. Tinha saudades tuas.

— Eu sei, e peço desculpa. O tempo tende a escapar-me das mãos.

Uma tristeza escureceu os olhos de Apollymi enquanto ela dava uma palmadinha no ombro de Kat, antes de se desviar.

— Quem me dera poder dizer o mesmo.

Sim, era difícil para a avó de Kat estar presa naquilo que fora em tempos o reino do inferno atlante. Há onze mil anos, toda a família de Apollymi tinha conspirado a sua prisão, e, enquanto Acheron vivesse, Apollymi nunca poderia ser livre.

Kat sentia uma profunda compaixão pela solidão que a sua avó sofria, apesar de Apollymi comandar todo um exército de *daemones* e *Charontes*. Eles não eram a sua família e não a faziam feliz.

— Como estão as coisas com o Stryker? — perguntou Kat. Stryker era filho de Apolo e liderava o exército *daemon* que Apollymi controlava. Quando Apolo condenara a raça *apollite* a morrer aos vinte e sete anos, amaldiçoara, sem saber, o seu próprio filho e netos. Desde esse dia, Stryker odiara o pai e planeava a sua destruição.

A única razão porque Stryker ainda estava vivo era porque Apollymi aproveitara a oportunidade para tornar Stryker seu filho adotivo, para o poder usar contra Apolo e Ártemis. Durante séculos, ambos tinham estado unidos no seu ódio contra os deuses gregos.

Depois, há três anos, após um grave confronto entre os dois, Stryker começou a virar-se contra Apollymi. Parecia ser uma interminável batalha pela dominação.

A avó de Kat riu-se amargamente.

— Estamos em guerra, *agria*. Por isso ele senta-se no edifício ao lado, a conspirar a minha morte, como se eu fosse demasiado estúpida para o perceber. O que se esquece é que homens bem melhores do que ele já me tentaram matar e, embora eu possa estar presa, eles estão mortos... o que

será o seu destino quando tiver coragem suficiente para me atacar abertamente. Mas não é por isso que aqui estás, pois não? — Tomou as mãos de Kat entre as suas. — O que te preocupa, *agria*?

Não havia necessidade de rodeios e Kat era sempre direta.

— Já ouviste falar de um demónio *gallu*?

Os dois Charontes silvaram veementemente no instante em que a palavra «*gallu*» lhe saiu dos lábios. Os olhos de Kat cresceram de espanto perante aquela reação inesperada. Ela nunca os vira fazer aquilo, ou mesmo qualquer coisa parecida.

— Descansem — disse Apollymi num tom de voz tranquilizador para os seus guarda-costas. — Não há *gallu* aqui.

O demónio macho cuspiu para o chão.

— Morte aos sumérios e a toda a sua progénie.

Apollymi soltou um profundo suspiro antes de soltar as mãos de Kat e desviou-se dos Charontes.

— Os *gallu* foram criados por Enlil, o líder dos deuses sumérios, para combater e matar os demónios Charontes no dia em que estes andassem livremente pela terra. — Isso explicava a inesperada hostilidade. — Escusado será dizer que os Charontes não suportam sequer a menção a essas nojentas criaturas. Agora, porque perguntas isso?

— Sabes o que lhes sucedeu?

Apollymi anuiu.

— Depois de eu destruir Atlântida e os *gallu* já não terem os Charontes para lutar, viraram-se contra os humanos e os seus criadores. Com o tempo, três dos deuses sumérios uniram-se e trancaram-nos, tal como me foi feito.

— E as Dimme? O que são?

Apollymi franziu o sobrolho, desconfiada.

— Porque é que perguntas pelas Dimme?

— Disseram-me que estão prestes a sair em liberdade e a destruir tudo.

Um olhar pacífico e sonhador apareceu no rosto de Apollymi, como se ela saboreasse a mera ideia do banho de sangue. Um lento sorriso desenhou-se nos seus lábios.

— Isso seria uma bela visão, de facto.

— Avó!

— O que foi? — perguntou ela, como que ofendida pelo tom de Kat. — Eu sou a deusa da destruição. Diz-me honestamente que não vês nada de excitante na ideia de milhares de milhões de pessoas a gritarem por misericórdia, quando não restar ninguém que se preocupe com o que lhes acontece. Toda a terra a ser inundada por todas as espécies de demónios empenhados em tortura e sacrifício. Depois a rasgar e a desfazer carne humana

enquanto eles esgatanham num ébrio frenesi alimentado pelo seu ódio a tudo. A beber sangue numa orgia de terror... ahhh, a beleza da aniquilação. Não há nada que se lhe compare.

Kat teria ficado aterrada não fosse aquele um tão típico pensamento da sua avó.

— E eu sou, bem, não tecnicamente uma deusa, porque não pertencço a nenhum panteão, mas sou como o meu pai, que gosta de proteger a humanidade, e não quero mesmo nada ver um bando de demónios a comer pessoas. Podes chamar-me sentimental.

Apollymi fez um som de extremo desagrado.

— É a única coisa que detesto no teu pai. Vocês os dois são, qual é a palavra humana que vocês usam... uns bananas.

— Nem por isso. O pai e eu sabemos cuidar-nos muito bem.

Apollymi soltou um ronco incaracterístico que Kat decidiu ignorar.

— E ainda não respondeste à minha pergunta. — Kat insistia apesar da disposição da avó. — O que são as Dimme?

Agora a deusa estava irritada, o que se manifestava pela forma como agarrou uma das doces peras pretas que cresciam nas árvores de troncos pretos no seu jardim. Esmagou-a na mão. — São a última vingança de Anu e Enlil contra todos nós. Enquanto os *gallu* podem ser vistos como a bomba atómica que perseguiu os meus Charontes, Anu criou as Dimme como um holocausto nuclear.

Kat não percebia bem o que aquilo significava.

— Como?

— As Dimme são sete demónios diferentes de tudo o que possas imaginar. São incontrolláveis, mesmo pelos deuses. São tão perigosas que os sumérios nunca se atreveram a libertá-las. Desde o momento em que foram criadas, foram postas numa cela que tem um contador temporal. A cada milénio, o que quer que as prende torna-se mais fraco. Se os deuses sumérios ainda estão vivos, voltam a selar os sete demónios e a vida continua como o normal. Mas, se alguma coisa acontecer ao panteão e não houver mais deuses sumérios para reativar o seu túmulo, as Dimme são libertadas sobre o mundo para o destruir. E para destruir o panteão encarregue de o proteger, seja ele qual for. É a última vingança de Anu contra quem quer que o tenha matado e aos seus filhos.

Então, Sin não estava a mentir...

Kat sentiu uma dor na barriga ao pensar no que os sete demónios seriam capazes de fazer. Ela já sabia o que faziam os monstros típicos. E os Charontes. Ninguém poderia prever como seriam as Dimme.

— Não achas que isso é grave?

Apollymi franziu a testa.

— Só gostava de poder ser eu a fazê-lo.

Kat abanou a cabeça. Não sabia porque Apollymi odiava tanto a sua mãe, já que as duas tinham personalidades tão parecidas — e pensavam de forma tão parecida na maioria dos temas.

Apollymi lambeu o sumo doce dos seus dedos.

— Mas isso não explica porque me estás a fazer todas estas perguntas, criança. Porque estás tão curiosa a respeito dos sumérios, quando nunca me tinhas perguntado nada deles?

— Bem, neste momento, tenho o seu último sobrevivente trancado na minha casa.

Apollymi ficou hirta.

— Tens o quê?

— O Sin está na minha casa, ao fundo da rua.

Os olhos de Apollymi começaram a cintilar — algo que só faziam quando ela estava altamente agitada.

— Perdeste o juízo?

Antes que Kat pudesse defender a sua decisão, Apollymi desapareceu.

Kat praguejou. Não havia qualquer dúvida na sua mente quanto a onde fora a avó. Zangada, Kat transportou-se de volta para casa.

Claro, Apollymi estava lá e Sin encontrava-se colado à parede.

— Avó.

— Sai daqui — rosnou Apollymi.

Kat estava estupefacta com aquela reação. Nunca, em toda a sua vida, a avó de Kat lhe erguera a voz. No momento seguinte, tanto Sin como Apollymi desapareceram.

Em nome de Zeus, o que se estava a passar? Kat fechou os olhos, mas não conseguiu encontrar vestígios de qualquer um.

Tinham de estar no palácio, e nem queria imaginar o que Apollymi estaria a fazer a Sin. Mas, o que quer que fosse, de certeza que havia muito sangue e dor envolvidos.

E isso era o que Apollymi fazia às pessoas de quem *gostava*.

Capítulo

CINCO

SIN praguejou quando aterrou no centro do que parecia ser um banquete Charonte. Estava deitado no chão de pedra e na sua frente tinha de haver pelo menos uma centena de Charontes presentes... e estavam todos a olhar para ele, em silêncio. Não havia qualquer som, exceto o ocasional sussurro de uma asa Charonte.

O espaço fê-lo lembrar um grande salão medieval, com os barrotes em arco e as vigas expostas. As paredes de pedra davam ao local um frio sinistro que não parecia atingir os Charontes seminus que comiam tudo desde porco assado, a vacas, a coisas que nem sequer conseguia identificar.

— Ele é para nós comermos? — perguntou um jovem Charonte a um outro mais velho.

Antes que Sin pudesse levantar-se ou responder, Apollymi apareceu no outro lado da mesa principal do banquete, ao lado do Charonte adulto com que o rapaz falara.

Os seus olhos de prata agitaram-se violentamente enquanto olhava para ele.

— Rasguem este miserável sumério em farrapos.

— Sumério? — rosou o macho adulto.

Sin praguejou. Boa, ser sumério entre aquele grupo era como fazer um dueto Ozzy Osbourne/Marilyn Manson na convenção Anual Batista Sulista.

Sin levantou-se, à espera da morte que estava prestes a apanhá-lo.

— Ouçam. Não podemos ser todos amigos?

— *Ekeira danyaha* — cuspiu uma fêmea, o que era a versão obscena de «vai-te lixar» em Charonte.

De súbito, um Charonte macho apareceu nas suas costas. Sin apanhou o demónio e atirou-o ao chão. Mas, antes de o poder esmurrar, outro demónio mordeu Sin no ombro. A sibilar de dor, atirou-se de cabeça contra o demónio, atirando-o ao chão. O ombro de Sin estava rasgado quando o demónio se afastou.

Uma fêmea correu então para Sin. Ele agarrou-a e atirou-a para cima dos dois machos que se aproximavam para o apanhar.

— Onde raio está a lata de *Raid*, quando mais preciso dela? — grunhiu, quando outro demónio o agarrou por trás.

Atirou-se com toda a força contra ele, o que não serviu de nada, pois o demónio era muito forte. Mudando de estratégia, Sin pontapeou-lhe os joelhos. O demónio guinchou de dor antes de soltar Sin. Ele deu meia-volta e apanhou o demónio com um golpe no peito.

— Parem!

Sin vacilou quando os demónios obedeceram à ordem. Viu Kat parada à sua direita, a olhar com horror para o que tinha acontecido.

— Não interfiras nisto — rosnou Apollymi.

Kat abanou a cabeça.

— Não o deixarei morrer. Não desta maneira e sem uma explicação.

— Explicação? — Apollymi afastou o demónio na sua frente para se aproximar da neta. — Fui ao panteão deles e pedi-lhes ajuda para esconder o teu pai, para que o meu panteão não o matasse. Sabes o que eles fizeram?

— Riram-se — disse Sin, lembrando-se das histórias sobre esse evento claramente na sua mente.

Apollymi virou-se para ele com as narinas a vibrar. Sin ficou espantado por ela não usar os seus poderes para o esmagar contra a parede. Obviamente, uma morte rápida não era o que a deusa tinha em mente — ela queria uma morte a longo prazo.

— O meu filho sofreu como nunca ninguém deveria alguma vez sofrer, e eu quero retribuir-te isso... multiplicado por dez.

Sin podia compreender. Raio, até conseguia respeitar aquele sentimento, mas isso não mudava o facto de ele estar inocente de tudo aquilo.

— Eu não te repeli, Apollymi. Não estava lá nesse dia. Juro, eu ter-te-ia ajudado, se soubesse. Quando soube, já era demasiado tarde.

— Mentiroso!

— Não é mentira — disse ele com calma, quando outro demónio se aproximava lentamente. Engoliu em seco, ao recordar-se da sua própria infância amarga. Ele fora um de trigêmeos. Uma hora depois do seu nasci-

mento, fora profetizado que os três irmãos causariam o fim do seu panteão. Tal como com Acheron.

O mais triste era que a profecia estava correta. Mas não acontecera como o seu pai temera. Fora o ciúme e ódio da sua própria família que tinham feito de Sin o elo mais fraco que permitira a entrada de Ártemis, fazendo com que os deuses gregos conseguissem virar os sumérios uns contra os outros e derrotá-los.

O seu panteão caíra apenas depois de ele deixar de ser deus e o seu irmão sobrevivente ter de se esconder.

E, quando Sin falou, a sua voz estava cheia dessa dor.

— O meu pai matou o meu próprio irmão por causa de uma profecia, e quase me matou também. Eu nunca teria permitido que outra criança sofresse por uma tal estupidez. Isso não está dentro de mim.

Kat franziu o sobrolho com estas palavras, ao ver a dor no rosto da avó e ouvir a emoção sincera na voz de Sin. Ele sentia mesmo o que estava a dizer.

— E como sei que não me estás a mentir agora? — perguntou Apollymi, autoritária.

— Porque também eu perdi os meus filhos, e conheço a dor que vive no coração que nenhuma quantidade de álcool consegue expulsar. Sei como é ter os poderes de um deus e não ser capaz de proteger a coisa que mais importância tem para mim. E se pensas por um minuto que eu alguma vez faria isso a outro ser, mesmo a Ártemis, a quem gostaria de torturar por toda a eternidade, então vai em frente e chama todo o exército contra mim. Eu mereceria qualquer morte que me dessem.

Kat engoliu em seco ao ver a pura agonia nos olhos dele, enquanto falava dos filhos e da sua perda. Aquele era um homem que sentia essa tragédia até ao fundo da sua alma. Era suficiente para provocar lágrimas, e fez o seu coração suavizar na frente dele. Ninguém deveria sofrer daquela maneira.

Apollymi ficou tão imóvel como uma estátua. O seu olhar era perturbado, e a sua pele estava pálida.

Sin fez recuar o demónio que se aproximava com nada mais do que um olhar zangado, antes de voltar a falar.

— Considero Acheron como um dos meus raros amigos, Apollymi. Nunca veria um homem tão decente sofrer por qualquer razão.

Apollymi continuou calada, mas finalmente moveu-se. Desceu do dossel com uma graciosidade real. Avançou para se colocar mesmo na frente de Sin. Sem uma palavra, estendeu a mão e tocou-lhe no braço e no ombro a sangrar, que foram instantaneamente curados.

Quando, finalmente, voltou a falar, a sua voz era apenas um mur-

múrio, mas transmitia poder suficiente para ser ouvida claramente por todos.

— O meu filho tem poucos amigos e ainda menos que o conhecem pelo que ele é. Enquanto o protegeres, viverás, sumério ou não. Mas, se te provares falso em alguma coisa que aqui disseste hoje, trarei sobre ti uma fúria tão severa que passarás a eternidade a tentar desenterrar o próprio cérebro para aliviar a sua dor.

Ele olhou de relance para Kat.

— Agora sei onde foste buscar o teu dom para a imagística.

Kat ocultou um sorriso. Apenas Sin e o pai dela conseguiriam descobrir o humor num momento como aquele.

Apollymi ignorou o comentário de Sin.

— Katra. — Falou sem olhar para ela. — Ele é teu hóspede no meu mundo. Leva-o daqui e garante que ele não se afaste para outros que o matariam.

— Mas eu pensei que o podíamos comer — choramingou o menino Charonte.

Apollymi voltou-se para a criança com um olhar brando.

— Não, Parriton.

Parriton fez beicinho quando Kat deu um passo em frente para levar Sin.

— Posso ao menos dar-lhe uma dentadinha pequena, *akra*?

Kat riu-se da sua avidez.

— Noutro dia, Parriton, prometo.

O rapaz soltou um suspiro exagerado antes de voltar para o seu bife.

Kat parou na frente de Sin e estendeu-lhe a mão. Estava meio à espera que ele recusasse, mas, em vez disso, sentiu-o enlaçar a mão forte na sua para que ela o pudesse transportar de volta para casa. Um estranho arrepio percorreu-a ao sentir o toque dele. Havia um poder indescritível que lhe era inato. Uma paz interior.

Pelo menos até chegarem à sala dela.

— Uau — disse ele, num tom inexpressivo. — Isto foi divertido. Mais algum lugar onde me queiras levar, já agora? Talvez haja no inferno algum canto mais sombrio do que aquele salão de demónios famintos de carne, não?

Kat sorriu do sarcasmo dele.

— Há o salão dos *daemones*. De certeza que Stryker gostaria de pôr as presas em cima de ti.

Ele riu-se da ameaça.

— O Stryker é um maricas. Eu fá-lo-ia ficar de calças molhadas três segundos depois de me ver.

A sua bazófia divertiu-a ainda mais.

— Sim, claro, só que eu ouvi dizer que ele te deu uma sova na última vez que se encontraram. — Não era verdade, mas ela sentia necessidade de o provocar.

— Tretas.

— Não — provocou ela, aproximando-se mais dele, de mãos nas ancas — não é treta nenhuma. Está espalhado no *Predador-da-Noite* do BBS que ele limpou o chão contigo e depois ficou a rir-se enquanto tu sangravas.

— Quem disse?

Kat estacou ao perceber que, inconscientemente, se aproximara demasiado, na sua fingida discussão. Agora estavam tão perto que ela sentia o hálito dele no seu rosto.

Sin era alto e sensual. Não havia como negá-lo. E aqueles olhos...

Ela conseguia ver a eternidade naqueles argutos olhos dourados, sombreados pelas pestanas espessas e escuras. Depois, ficou subitamente enfeitiçada pela textura da sua pele. Havia qualquer coisa eletrizante na linha do queixo de um homem. Qualquer coisa comestível. E que a fazia querer tocar-lhe.

Sin ficou completamente imóvel enquanto o seu olhar se concentrava nos lábios dela, entreabertos. Kat tinha uma boca linda que complementava as suas feições pálidas, e foi perfurado por um súbito ataque de desejo. Ela era realmente bela. A sua pele era tão macia e pálida. Os seus olhos, vivos e inteligentes.

Quanto mais a ficava a conhecer, menos parecida com a mãe se lhe afigurava.

E havia muito tempo desde que estivera com uma mulher que alguém se atrevia a fazer-lhe frente, quanto mais a provocá-lo abertamente. Muito tempo desde que sentia um tal calor nas suas entranhas.

Antes de perceber o que estava a fazer, baixou a cabeça para a beijar.

Kat estremeceu perante a sensação dos lábios dele nos seus. Ela nunca experimentara um beijo verdadeiro. Entre a mãe e a avó, Kat sempre fora guardada e vigiada ao ponto de nenhum homem alguma vez estar verdadeiramente sozinho com ela.

Pelo menos, durante muito tempo.

Ela sempre se perguntara qual seria a sensação de receber um beijo terno. E, havia que dizer, Sin não a desapontou. Os seus lábios eram suaves e exigentes, o seu corpo era forte contra o dela. Envolveu-lhe o pescoço com os braços, puxando-o mais contra si. Oh, era o paraíso, sim. Maravilhoso e quente. Hipnotizante. Ah, sim, podia ficar assim durante algum tempo.

Até ele lhe ser subitamente arrancado dos braços e atirado contra

a parede oposta. Sin praguejou quando foi erguido dois metros acima do chão.

— Mantém os lábios e as outras partes do corpo longe dela, ou ficas sem cabeça.

Kat riu-se ao som da voz da avó a ribombar no quarto, um instante antes de Sin aterrar no chão com tanta força que quase ouviu os seus ossos a chocalhar.

Ele soltou um suspiro de desgosto.

— Eu juro que hei de recuperar os meus poderes, nem que seja só para...

— Chh — disse Kat, interrompendo-o. — Tem cuidado, ela pode ouvir-te.

Ele voltou-se no chão e inclinou a cabeça para trás para poder olhar para Kat. Ela não sabia como aquela posição podia ser *sexy*, mas, de alguma maneira, ele conseguia-o.

— Como é que tens uma vida social?

— Não tenho.

— Pois — disse ele, enquanto se levantava. — Imagino que Ash seja ainda mais duro contigo do que elas.

Uma tristeza inundou-a à menção de um pai que ela daria tudo para conhecer. Mas a verdade era que a Ártemis os mantinha afastados e, embora a magoasse, Kat compreendia a razão e obedecia, mesmo que não o quisesse. Honestamente, a sua separação era a coisa que mais lamentava na vida.

— Nem por isso. O meu pai não sabe de mim.

Sin ficou aturdido com a notícia. Se alguma coisa sabia de Acheron era que o homem ficaria furioso se soubesse que tinha uma filha adulta de que nunca ninguém lhe falara.

— Como raio esconderam dele uma coisa dessas? Ele sabe tudo.

Kat encolheu os ombros.

— Quase tudo. Não consegue ver aqueles que lhe estão mais próximos, e uma vez que partilho uma ligação genética, sou um fantasma para a sua visão. Primeiro a minha mãe escondeu-me dele e depois a minha avó colaborou, ao perceber que dar-lhe conhecimento da minha existência apenas o magoaria ainda mais... e daria à minha mãe um instrumento para usar contra ele. Acredita em mim, é muito melhor para todos se ele nunca souber que eu existo.

Aquilo fazia sentido, mas mesmo assim não estava certo. Pessoalmente, ele mataria quem quer que lhe escondesse uma coisa dessas.

— E nenhuma de vocês pensou que poderiam estar erradas?

— O que queres dizer com isso?

— O Ash morrerá se alguma vez souber que tem uma filha que nunca viu, especialmente desde que crescestes.

— É por isso que ele nunca pode ficar a saber e é por isso que tens de parar de te referir a Ártemis como a minha mãe. Toda a gente pensa que eu, como todas as outras aias, era uma enjeitada que a Ártemis criou.

Sin abanou a cabeça. Raios, tirando perder um filho, ele não podia imaginar nada pior do que ter um filho cuja existência se ignora. Acheron merecia muito melhor do que isso.

— Vocês as três fizeram-lhe uma grande maldade. Mais alguém sabe?

— Só tu, Simi e nós. E eu espero que não lhe digas nada.

— Não te preocupes comigo. Não quero ser o mensageiro que ele vai matar de fúria. — Fez-lhe um sorriso travesso enquanto imaginava Ash a espancar Ártemis até a deixar inconsciente. — Sabes, há um lado positivo nisto. Mais cedo ou mais tarde, ele vai descobrir, e, nessa altura, há de matar a Ártemis por mim. Só espero estar lá para ver.

Ela fez-lhe um olhar frustrado que, de alguma maneira, conseguiu fazer agitar as suas virilhas.

— Muito engraçado. Ele nunca lhe faria mal.

— Sim, eu sei. Raios — disse ele num tom grave. — O sacana ainda está apaixonado por ela. Há alguma coisa seriamente errada com ele.

— Não — disse Kat suavemente. — Não me parece que continue apaixonado por ela. Nem tenho a certeza que alguma vez o tenha estado seriamente. Mas compreende-a e não está na sua natureza magoar alguém, se o puder evitar.

Sin soltou um ronco de desacordo. Vira Ash virar-se contra algumas pessoas ao longo dos séculos, o que era uma das razões porque Sin não provocava demasiado o deus atlante. E aquilo tinha sido por delitos menores. Sin nem conseguia imaginar a fúria que Ash poria à solta por uma coisa tão importante como aquela.

— Não o conheces tão bem como julgas.

— E o que é que te torna assim tão especialista em Acheron?

— Digamos apenas que compreendo a traição. E, tendo estado no mesmo lugar do que ele, conheço a explosão que virá. Confia em mim.

Ela ficou tensa com aquele aviso.

— A Ártemis não te traiu.

— Quem disse que estava a falar dela?

Kat fez uma pausa enquanto tentava lê-lo, mas Sin não tinha nada de livro aberto. Até as suas emoções estavam escondidas. Normalmente, conseguia perceber o que qualquer pessoa perto de si estava a sentir e, embora recebesse dele alguns fragmentos, não era nada como o que normalmente sentia. Era desconcertante e estranho, estar tão ignorante.

— Quem foi que te traiu, então?

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Com a traição, há esse problema. Não queremos falar dela, especialmente com desconhecidas com ligações com a nossa pior inimiga. — Olhou em volta da sala antes de voltar a falar. — Então, onde é que isto tudo nos leva? Estás a pensar manter-me aqui até depois de os *gallu* libertarem as Dimme, ou quê?

Aquela parecia ser a pergunta do dia. Ela não sabia, verdadeiramente, o que haveria de fazer com ele.

— Não estás a mentir a respeito das Dimme, pois não?

Ele despiu a camisa por cima da cabeça para lhe mostrar um corpo de músculos pejadados de cicatrizes.

— Parece-te que estou a brincar?

Não. Ele parecia mais ferido do que um antigo guerreiro. Um tremor de simpatia percorreu-a. Era óbvio que andava há muito tempo a lutar para manter a humanidade a salvo.

E fizera a maior parte do trabalho sozinho. Sem ninguém para o apoiar.

Isso era o que mais a magoava. Ninguém devia ter de enfrentar um tal pesadelo sozinho.

— O que posso fazer para ajudar?

Ele ergueu uma sobrancelha ao ouvi-la, como se não pudesse acreditar naquela oferta, antes de voltar a vestir a camisa. Mas aquele olhar foi substituído por outro que era duro e amargo.

— Manda-me de volta para a minha casa e mantém-te fora do meu caminho.

Kat abanou a cabeça. Como podia ter esquecido o facto de que estava perante um macho-deus pré-histórico?

— Provavelmente é aqui que tenho de te recordar de um certo cão de caça grego que tem o teu nome e contacto. Lembras-te dele? Deimos não está propriamente numa de fazer amigos ou mostrar misericórdia. Mas uma coisa que ele tem de fazer é ouvir-me.

— E porquê?

Ela fez-lhe um sorriso divertido.

— Porque uma vez dei-lhe um pontapé no traseiro com tanta força que ele nunca mais se esqueceu. — Aproximou-se de Sin com um passo determinado. — Precisas de alguém para te apoiar.

O olhar dele era frio e assustador.

— Sem ofensa, mas, na última vez que fui suficientemente estúpido para deixar alguém aproximar-se, fui apunhalado pelas costas. Gosto de pensar que aprendo com os meus erros.

— Nem toda a gente é traiçoeira.
— A minha experiência diz-me o contrário e, dada a tua ligação genética a alguém que me fez grave dano, creio que me perdoarás se não te puser na lista dos meus mais fiéis amigos.
Ele tinha razão nisso, mas ela não era nada como a sua mãe.
— Também sou filha do meu pai.
— Sim, e, como tu própria admitiste, tens muito menos contacto com ele do que com a tua mãe. Por isso, acho que compreenderás se eu tiver cautela neste assunto.
Ela não o podia culpar pela sua desconfiança. Como poderia fazê-lo, se nem ela confiava na mãe?
O olhar de Sin tornou-se mais intenso.
— Preciso de sair daqui, Kat. Não posso fazer o meu trabalho enquanto estou aqui preso no reino inferior.
— E eu não posso deixar-te sair enquanto não souber quais são os teus planos.
Ele soltou um sopro de exasperação.
— Deter a aniquilação da humanidade e da terra. É um plano simples, realmente, mas importante. Já posso ir?
Parte dela estava divertida, mas a outra parte queria estrangulá-lo pela sua obstinação e secretismo.
— Para que precisas da Tábua do Destino?
Ele fechou a distância entre os dois para poder olhá-la com aqueles olhos dourados que chispavam fogo.
— Deixa-me sair daqui, Katra.
— Não posso.
— Então espero que possas viver com a morte da humanidade na consciência. — Indicou o sofá com o polegar. — E eu vou simplesmente sentar-me ali até estar tudo acabado. Tens alguns bons DVD para eu ver? Vai ajudar a abafar os gritos por piedade. Especialmente os das crianças. Esses são sempre os mais difíceis de ignorar.
As palavras dele feriram-na ao nível mais fundamental da sua humanidade. A última coisa que podia suportar era a ideia de uma criança a sofrer. Ele estava a desferir golpes baixos, e a magoá-la.
— Maldito sejas.
As feições dele eram de pedra.
— Vens demasiado tarde. A tua mãe já tratou disso.
Kat desviou o olhar enquanto lutava consigo mesma. Não podia mantê-lo ali, se o que ele dizia era verdade, mas, por outro lado, quanto tempo poderia ele resistir com Deimos nos seus calcanhares? Não tinha os seus poderes divinos e Deimos era um cruel FDP.

— Compreendes aquilo que tens pela frente?
 Ele fez-lhe um olhar de «daah».

— Se uma coisa tão patética como um Dolophonos grego me pode vencer numa luta, mereço morrer.

— O que acontecerá à humanidade depois?
 — Parece-me que estão lixados, não?
 Como podia ele mostrar-se tão pretensioso e indiferente? Sabia o que teria de enfrentar. Pensava realmente que podia vencer sem ninguém a lutar ao seu lado?

Não suportava a ideia de o ver meter-se naquela batalha sem outra pessoa que soubesse como combater os *gallu*. A humanidade precisava de mais do que um único defensor.

— Ensina-me a lutar contra as Dimme.
 Sin não teria ficado mais atónito se ela se tivesse despido e saltado para cima dele.

— Perdão? Eu sei que não ouvi o que me pareceu ter ouvido.
 Ela não recuou.

— Ensina-me a combatê-las, e aos *gallu*.
 Ele riu-se com a simples ideia de a ver ir contra eles e a sua crueldade. Sim, era alta, e não demasiado magra, mas não se comparava com os *gallu* em força, quanto mais com as Dimme. Eles comê-la-iam viva. Literalmente.

— Não tens em ti qualquer sangue sumério.
 — Há maneiras de contornar isso.
 Ele recuou um passo quando uma delas lhe passou pela mente.

— Na tua família há sugadores de sangue?
 — Não, mas se tivermos um laço de sangue, eu terei a tua força e sangue sumério.

Aquilo não era tudo o que ele lhe daria, e ele sabia-o.

— E dar-te-ia poder sobre mim. Por isso, vai-te lixar.
 Ela deu um passo para ele, os seus olhos verdes suplicantes.

— Sin...
 — Katra... — troçou ele. — Não vou permitir que tu ou qualquer outra pessoa me espoliem ainda mais do que já fui espoliado. Nunca.

— Então deixa-me treinar contigo. Mostra-me...
 — Os meus melhores movimentos, para que possas matar-me? — O quê? Seria louca? — Vai-te foder.
 Ela soltou um gemido.

— Não confias em ninguém?
 — Não passámos já essa parte? Não, que inferno. Nunca. Porque deveria confiar?
 — Porque ninguém aguenta sozinho para sempre.

Sin riu-se. Até parecia mesmo que ela acreditava nas tretas que estava a debitar, mas ele não era propriamente ingênuo e crédulo.

— E é aí que tu te enganas. Eu estive sozinho a vida toda e gosto de estar assim.

Mesmo assim, Kat não podia desistir. Perseguiu-o por toda a sala enquanto ele procurava pôr espaço entre ambos.

— Acredita em mim, Sin. Só quero ajudar.

— Queres que eu confie em ti? — Ele parou tão abruptamente que ela chocou literalmente contra ele. A suavidade do corpo de Kat fê-lo arrepiar-se, mas não ia deixar que a libido interferisse com a sua lógica. Segurou-a, longe dele, e olhou-a duramente. Sabia uma maneira de acabar com as tretas dela. — Muito bem. Confio em ti apenas numa condição. Diz-me como matar-te.

Os olhos dela abriram-se mais de confusão.

— Desculpa?

Sin sorriu, sabendo que agora a apanhara. Ela nunca lhe daria a fonte dos seus poderes.

— Todos os deuses têm um segredo que os pode deixar impotentes e sujeitá-los à execução. Qual é o teu?

Agora via desconfiança nos olhos dela. Ótimo, não era uma crédula idiota.

— Como é que sei que não me vais matar?

— Pois — disse ele, com a voz grave. — Não é assim tão fácil confiar, pois não?

Mesmo assim, ela não recuou completamente. Tinha de a admirar por isso.

— Tens a Tábua do Destino. Ela pode deixar-me impotente.

— Mas isso não mostra a tua *confiança*, pois não? Diz-me como matar-te sem ela.

Kat estacou enquanto ponderava seriamente as consequências de lhe responder. Dado o ódio dele pela sua mãe, seria uma grande estupidez dar-lhe aquele tipo de poder. Ele podia matá-la a qualquer momento, em qualquer lugar.

Lembrou-se de todas as coisas que tinham sido colocadas nos fóruns do *Predador-da-Noite* a respeito dele. Ele era isento de compaixão ou mesmo de sanidade. Mas, por outro lado, um homem assim não estaria marcado pelas batalhas contra demónios para ajudar a humanidade.

Um homem assim não teria ido em seu socorro. Não, ele não era o monstro que outras pessoas tinham pintado. Mas também não era um santo.

Confiar nele podia custar-lhe a vida. Não confiar nele destruiria o mundo.

Haveria realmente alguma possibilidade de escolha?

Não faças isso...

Era aterrador sequer de contemplar, mas ela não tinha verdadeiramente outra opção. Um dos dois teria de se abrir, e de certeza que não seria ele.

— Eu digo-te a resposta e tu treinas-me? — perguntou ela à queima-roupa.

— Sim, que raio.

Ela respirou fundo para ganhar coragem antes de voltar a falar.

— Muito bem. Os meus poderes derivam do Sol e da Lua. Quanto mais tempo passo sem um ou outro, mais fraca me torno. É por isso que não posso ficar aqui com a minha avó demasiado tempo, ou fico doente. Se ficasse aqui confinada sem exposição ao céu, isso matar-me-ia.

Sin olhou para ela, incrédulo. Não acreditava que ela lhe contara aquilo. Seria maluca?

— Sabes o que acabaste de fazer?

— Sim. Confiei em ti.

Sim... era mesmo maluca. Não havia dúvida quanto a isso. Que espécie de louca soltava uma coisa com aquela importância?

— Sabes como odeio a tua mãe.

— E sei o que pensas do meu pai.

— Que nem sequer sabe que tu existes.

— Tudo bem — concedeu ela. — Mas eu quero ajudar-te a fazer a coisa certa, e se isso significar dar-te poder sobre mim, eu faço-o.

Era mesmo maluca. Ele não conseguia deixar de pensar nisso. Que espécie de ser podia ser tão estúpido e crédulo? E para quê? Para ajudar uma raça que nem sequer sabia da sua existência?

— Posso destruir-te neste momento.

— Sim — disse ela, com os olhos a arder de intensidade. — Podes. Mas confio que não o farás.

Sin abanou a cabeça de incredulidade. Nunca ninguém confiara nele daquela maneira... nem sequer a sua esposa. Os deuses nunca renunciavam àquele poder sob nenhuma circunstância.

— Não bates bem, pois não?

— Talvez não. Outras pessoas pensaram o mesmo e, neste momento, o meu monólogo interno está a despejar piores insultos do que esse.

Sin ergueu a mão para lhe tocar no rosto. A pele dela era suave como seda, contra as pontas dos seus dedos. Ela era tão delicada, e no entanto ele sentia no seu interior um âmagão feito de aço.

— Compreendes o perigo que vais enfrentar?

— Tendo visto como o meu braço foi partido por um deles e o teu

corpo todo rasgado, tenho alguma ideia. Mas nunca fui de recuar perante nada. Precisas de ajuda e tenciono dar-ta, quer queiras quer não.

Alguém a seu lado. Para lutar. Que conceito romanesco. Nunca ninguém lhe fizera tal oferta e ele ainda não tinha a certeza de dever aceitar. Mas dera-lhe a sua palavra, e ele não quebrava um juramento.

Ainda assim, tinha algumas dúvidas.

— Como sei que não vais usar o que te ensinar contra mim?

Ela fez um som de desespero.

— Está aí alguém? Eu dei-te o poder para me matares. Acho que, nisto, sou a que mais facilmente pode ficar lixada.

Ele anuiu antes de retirar a mão do rosto dela.

— Muito bem. Preciso de sair daqui. Temos de voltar à minha casa para nos podermos preparar.

— Está bem.

Num piscar de olhos, estavam de volta à *penthouse* de Las Vegas. Sin olhou em volta em busca de Ártemis, mas ela tinha desaparecido com o seu Dolophonos. Kish continuava imóvel junto ao sofá como uma estátua viva.

Kat arqueou as sobrancelhas ao ver a forma congelada de Kish pela primeira vez.

— Amigo ou inimigo?

— Depende da hora e do dia. — Estalou os dedos e Kish regressou à sua forma normal.

A abanar a cabeça, Kish franziu a testa.

— Voltaste a congelar-me?

Sin encolheu os ombros.

— Estavas a aborrecer-me.

— Detesto quando fazes isso. — Kish emudeceu quando viu que Kat estava de pé ao seu lado, a observá-lo com um brilho curioso no olhar. A confusão marcou o seu rosto quando ele se virou de novo para Sin. — Fizeste as pazes com a Ártemis? Raios, quanto tempo estive congelado?

Kat riu-se.

— Eu não sou a Ártemis.

— Cometi um erro — disse Sin, sem querer alongar-se mais sobre o assunto.

— E estás a admiti-lo? — Kish ergueu as mãos no ar. — Não descarregues em cima de mim, chefe. Vou-me já embora. Nada disto é da minha conta. Nada. Kish quer viver, por isso vai-se embora. Adeus. — Ele mal tinha aberto a porta quando desapareceu do outro lado.

Kat fez um sorriso divertido para Sin.

— Interessante. É teu Escudeiro?

Sin abanou a cabeça antes de pegar no seu casaco e o deixar sobre as costas de um banco de bar.

— Não sou um Predador da Noite. Não possuo Escudeiros.

— Interessante escolha de palavras.

Ele olhou para ela.

— Ah-ah.

Kat aproximou-se mais, deixando-o encurralado entre si e o bar.

— Então porque és considerado um Predador da Noite?

— Ideia do Acheron. Pensou que juntar-me ao bando era o mínimo que podia fazer por mim, depois do que a Ártemis me fez.

— Mas não caças *daemones*.

— Não. Acheron sabia desde o princípio que os *gallu* estavam à solta. Por isso, nós os dois temo-los mantido sob controlo.

Kat franziu o sobrolho ao ouvir isto.

— Ash ajuda-te?

— Porque estás tão surpreendida?

— Pensei que tinhas dito que ninguém fora do teu panteão os podia matar.

— Sim, bem, o teu pai é um pouco diferente dos outros. Tenho a certeza que sabes disso.

Kat não podia estar mais de acordo. Havia muito no seu pai que era estranho, para dizer o mínimo.

— Então, o que te faz pensar que não o posso fazer?

— Não és uma Chtoniana. Se fosses, não terias uma fraqueza.

Kat arqueou uma sobrancelha. Os Chtonianos eram assassinos de deuses. Como uma espécie de sistema de equilíbrio criado pela natureza. Sozinhos tinham o poder para destruir qualquer coisa indestrutível. O único problema era que ninguém sabia como os destruir. A única pessoa que podia matar um Chtoniano era outro Chtoniano.

— É esse o segredo deles?

— Não propriamente. A maior parte dos deuses antigos sabe isto. É por isso que têm tanto medo da justiça chthoniana.

Era verdade. Eram os únicos que podiam pôr os deuses em bicos de pés. Infelizmente para Sin, na altura em que o panteão da mãe dela estava a atacar o dele, os Chtonianos estavam a voltar-se uns contra os outros e não houvera ninguém para proteger o seu panteão.

Kat olhou de relance para as janelas altas à sua esquerda, onde tinha uma vista espetacular da Strip de Las Vegas.

— E porque é que estás aqui no deserto, já agora?

— Gestão logística. O meu pai pôs as Dimme e os *gallu* aqui porque naquela altura a população na América era esparsa, e ele pensou que seria

uma boa maneira de os controlar. Infelizmente, faltou-lhe a visão para ver o desenvolvimento nuclear no século vinte. Os testes do Nevada começaram a abalar os *gallu* e a libertá-los às dúzias. Quando ficam em liberdade, eu caço-os e às suas vítimas.

Kat pegou-lhe na mão para poder estudar todas as cicatrizes que maculavam a sua beleza. Lembrou-se de quando era jovem e a mãe a chamara ao seu quarto.

— *Ajuda-me, Katra. Tens de lhe tirar os poderes, ou ele mata-me.*

Kat estremeceu com essa memória. Sin estava inconsciente na altura. Demasiado nova e impressionável, ela fizera o que a mãe lhe pedira.

E arruinara o homem na sua frente.

Ele matá-la-ia, se alguma vez soubesse a verdade.

— O que aconteceu ao teu pai? — perguntou.

Sin acariciou-lhe os dedos com o polegar antes de a soltar.

— Teve de lutar com os de dentro e os de fora. Como é o velho ditado? «Cuidado com os gregos que trazem presentes?» Apolo e a tua mãe vieram como amigos e espalharam mentiras. Viraram sistematicamente cada um de nós contra o outro até não restar qualquer confiança. Não que eu já tivesse muita, logo para começar. Depois de ser exaurido dos meus poderes e destituído da divindade, tentei avisar os outros, mas eles não pensaram que lhes pudesse acontecer o mesmo. Eu era um tolo, afinal de contas, e merecia o que me acontecera. Eles eram todos mais espertos do que eu. Ou assim pensavam.

— E, no entanto, estás aqui, enquanto os outros desapareceram todos.

Ele anuiu.

— A sobrevivência é a melhor vingança. Eu e as baratas.

— E os *gallu*?

Ele riu-se.

— Provavelmente. É bem feito, ter de lutar contra aqueles filhos da mãe durante o resto da eternidade.

Kat sorriu. Ele era, de facto, um ex-deus inteligente e divertido. Tinha qualquer coisa de contagioso, e deixava-a com vertigens estar simplesmente por perto. Não era muitas vezes que gostava de alguém tão prontamente. Mas, apesar do que ouvira a seu respeito, queria acreditar nele.

Não fazia sentido.

E, no entanto, só queria tocar-lhe. Beijá-lo novamente e ver o que aconteceria se Apollymi não os separasse à força.

Instintivamente, deu um passo na sua direção. E teria provavelmente feito mais alguma coisa se não tivesse sentido um estranho arrepio na espinha. Era uma sensação que conhecia muito bem.

Daemon.

Nascidos da maldita raça *appolite*, que era forçada a sofrer uma morte dolorosa à tenra idade de vinte e sete anos, os *daemones* só podiam sobreviver se começassem a alimentar-se de almas humanas. Era por isso que tinham de ser perseguidos e mortos. Assim que uma alma era roubada, começaria a morrer no corpo estranho. A única maneira de salvar essa alma e enviá-la para o seu lugar correto era matar o *daemon* antes que a alma morresse.

Agora havia um *daemon* por perto.

Ouviu-se bater à porta. O seu sangue gelou nas veias. Estava um *daemon* à porta. Ela sabia-o.

Tentou deter Sin quando ele foi atender, mas Sin não a ouviu. Abriu a porta e, com efeito, estava um *daemon* alto e louro ali à espera, vestido de fato preto.

Fazendo aparecer uma faca na sua mão, ela correu para a porta.

Capítulo

SEIS

SIN puxou Kat contra si antes que ela atingisse Damien Gatopoulos e o apunhalasse no coração.

— Ei, Kat.

Quando Damien saltou para trás de uma forma que fazia lembrar uma mola, os seus olhos abriram-se muito de espanto. Mas rapidamente recuperou a compostura quando percebeu que Sin não ia largar Kat nem permitir-lhe que o matasse.

— É um *daemon*! — bradou ela.

Damien fez-lhe um olhar indignado.

— Sim — disse Sin lentamente, apertando-a com mais força — e é o gerente do meu casino.

O corpo de Kat ficou fraco contra o de Sin, enquanto ela erguia o olhar para o seu rosto. Uma surpresa total coloriu-lhe as feições pálidas. Embora a sua mão tivesse deixado de apertar a faca com tanta força, ele mantinha-lhe o pulso bem preso, não fosse ela sair novamente atrás de Damien e arruinasse as noites de ambos.

— Desculpa? — perguntou ela.

— É gerente do meu casino.

A fúria regressou e ela começou novamente a debater-se. Infelizmente, a fricção do seu corpo contra o de Sin deixou-a em brasa. Era difícil concentrar-se noutra coisa que não fosse naqueles lábios beijáveis, enquanto as suas faces se ruborizavam de zanga.

— Tens um *daemon* a trabalhar para ti?

Sin dobrou o joelho para a impedir de colidir novamente com a sua virilha, antes de se rir da raiva dela.

— Mais de um, na verdade.

— Não te preocupes — disse Damien, endireitando o casaco com um ligeiro puxão nas lapelas. — Só como humanos que merecem.

Aquilo, realmente, não ajudava.

Kat franziu o rosto de aversão enquanto desviava o olhar de Damien para Sin.

— E pensar que eu estava a começar a gostar de ti. Não acredito que toleres ter um *daemon* a trabalhar para ti.

Ele não esperava, de facto, que ela compreendesse, mas não tinha qualquer problema com Damien nem com nenhum dos outros a quem dera trabalho. Eram homens e mulheres cujas vidas tinham sido destruídas por causa da fúria de um deus grego. Para ele, eram espíritos irmãos. Apolo amaldiçoara a raça *apollite* porque algum antepassado distante matara a amante e o filho do deus grego. Embora trágico, isso nunca deveria ter feito com que Apolo tivesse condenado os da sua raça a desintegrarem-se aos vinte e sete anos. O deus também os banira da luz do dia e forçara-os a viver apenas do sangue uns dos outros. Era duro e impróprio de um deus que devia ter mais compaixão pela raça que criara e à qual virara as costas.

Além disso, o que Damien dissera era verdade. Nem ele nem nenhum dos outros que ali trabalhavam caçavam as almas de humanos decentes. Apenas destruíam as almas de pessoas que mereciam morrer. E os deuses sabiam como havia tantos humanos neste mundo a precisar da aniquilação, e era apenas adequado que se tornassem vítimas de um nobre predador. Que, por uma vez, o destino lhes desse uma sentença justa.

Sin sorriu para Kat.

— Sim, mas ele é incrivelmente honesto. Desde que o admiti, já ninguém me tenta enganar. Se o fazem, ele come-os.

Ela fez um trejeito ao ouvir as palavras de Sin.

— Oh, são nojentos, vocês os dois.

Damien fez um ruído de profunda irritação.

— Sabes, acho verdadeiramente ofensivo que me estejas a julgar com base num único facto infeliz. Honestamente, não sou má pessoa.

Ela não caía naquilo.

— Comes almas humanas. Como podes não ser mau?

— Confia em mim, estas pessoas não são daquelas que quererias ver reencarnar. O tipo que comi ontem batia na mulher. Alma forte... ser humano miserável.

Sin teve de se forçar a não rir quando se tornou óbvio que Kat não estava divertida. Mas tinha a certeza que Damien tinha razão. Ele só tirava

a vida àqueles que mereciam morrer, e, enquanto assim fosse, Sin não tinha qualquer problema com isso.

Kat abanou a cabeça.

— E se comeres almas dessas suficientes, elas começarão a corromper-te até tu te tornares igual a elas. Toda a gente sabe isso.

Damien riu-se.

— Só se se for estúpido. Tenho duzentos anos e ainda não me transformei. Só temos de aprender a cantar muito, para não ouvirmos as tretas delas a ecoar na nossa cabeça. Ficam muito ruidosas e feias, quanto mais perto da morte estão. Mas, depois, come-se uma alma nova e, normalmente, ela acaba com a velha, por isso não há perigo real de nos tornarmos maus.

Ela tentou novamente afastar-se de Sin.

— Tu enjoas-me.

Damien não ficou calado.

— Como se tu não tivesses nenhum hábito nojento.

— Não como pessoas.

— Tecnicamente, eu também não. Só lhes engulo as almas. O que, posso acrescentar, tu devias experimentar, um dia... São de lamber os dedos.

Ela soltou um grito antes de voltar a investir.

Sin fechou os braços em volta da cintura dela e ergueu-a do chão, o que foi um gesto muito estúpido, porque depois Kat começou a dar-lhe pontapés nas pernas.

— Porque é que não voltas para baixo, Damien? Posso ligar-te quando tiver um minuto.

— Claro, chefe.

Sin esperou que a porta se fechasse antes de soltar Kat. Ela voltou-se para ele de narinas dilatadas e os olhos verdes a faiscar de fúria.

— Nunca mais me im peças de me teletransportar.

— Porque não? Tu fizeste-me o mesmo.

Kat acalmou-se um momento ao perceber que ele tinha razão. Também lho fizera. Engraçado, não lhe parecera uma invasão pessoal até lhe acontecer a ela. Não admirava que ele estivesse tão zangado em Kalosis. Mas isso não mudava o facto de ele estar enganado no que dizia respeito ao *daemon*.

— Como podes perdoar o que aquele homem faz para se manter vivo?

— Eu? Não sou eu que tenho um tio que se enfureceu contra toda uma raça inocente. Não fosse Apolo e a sua condenação, nenhum dos *daemones* existiria, sequer.

— Eles mataram-lhe o filho e a amante — disse ela, como se isso justificasse a excessiva fúria do deus.

— Três soldados mataram-lhe o filho e a amante — lembrou-a Sin. — Os outros estavam todos inocentes. Quantos dos *apollites* Apolo matou em criança, no dia em que a sua fúria se descarregou contra eles? E preocupou-se com isso? Ah, espera um segundo, tinha-me esquecido. Quantos dos *apollites* que condenou à morte eram filhos e netos da sua própria carne e sangue? Alguma vez se preocupou por estar a condená-los por algo que não tinham feito? Ele matou mais membros da sua própria família com a fúria do que os três soldados que lhe mataram a amante e o filho. Muito mais.

Kat retraiu-se. Mais uma vez, Sin tinha razão. Stryker, que servia Apollymi, era filho de Apolo. Originalmente, Stryker tinha dez filhos, que tinham sido amaldiçoados junto com ele. Desses dez, todos se tinham tornado *daemones* e sido mortos.

Todos.

— Diz-me uma coisa, Kat — disse Sin, a sua voz mais profunda e tensa. — Se fosses morrer aos vinte e sete anos e alguém te mostrasse como viver mais um dia, irias mesmo escolher a vida de um perfeito estranho em detrimento da tua?

— Claro que sim.

— Então és uma pessoa melhor do que eu. Ou talvez não tenhas tido simplesmente de lutar pela tua própria sobrevivência, por isso não podes mesmo compreender o que é olhar a morte de frente e vê-la a olhar para ti. — O calor na sua voz fê-la sentir um arrepio na espinha.

Mesmo assim, não estava convencida.

— És imortal. Que sabes tu da morte?

Um olhar frio desceu sobre as feições de Sin ao mesmo tempo que a dor brilhou no profundo dos seus olhos dourados.

— Os imortais podem morrer. Alguns de nós mais de uma vez.

Havia ali qualquer coisa... alguma coisa para a qual ela precisava de saber a resposta.

— E alguma vez roubaste a vida a um inocente para viveres mais um dia?

Os olhos dele tornaram-se duros e frios.

— Fiz muitas coisas na minha vida que não queria fazer. Não me orgulho delas, mas ainda estou aqui e tenciono ficar por muito tempo. Por isso, não ouses julgar as pessoas quando não estiveste na sua pele.

Kat estendeu a mão para lhe tocar, embora soubesse que não devia. No instante em que o fez, sentiu a crueza da sua dor. Mas, mais do que isso, viu-o com a sua filha, a gritar o seu nome enquanto assistia à sua morte às mãos de demónios. O seu cabelo preto estava colado pelo suor contra a pele

escura. Sangue corria-lhe pelo rosto contorcido de raiva e pelo corpo em espessos regatos carmesim.

Viu-o embalar Ishtar contra si e sentiu a dor cauterizante que a fez perder o fôlego.

Depois, Kat sentiu a dor crua e viva de algo a penetrar o seu próprio coração.

Baixou o olhar, a sufocar naquilo que parecia ser o seu próprio sangue, à espera de ver um ferimento. Mas não foi o seu corpo que viu. Foi o de Sin. Tinha uma espada enterrada no corpo e ardia como os fogos do Inferno. A cada batida do seu coração, mais sofrimento era bombeado pelo seu corpo, até querer gritar com ele.

E não era a única memória dolorosa que ele tinha enterrada dentro de si. Ela estava num longo átrio aberto que era largo e arejado, com finas cortinas brancas que ondulavam com a brisa. A luz do Sol inundava a divisão enquanto Sin se dirigia para o fundo do seu templo em Ur. Havia uma sensação de felicidade no seu coração até os sons de sexo se fazerem ouvir. A alegria deu lugar a uma raiva vingadora quando ele entrou no quarto. Aproximou-se da cama ao canto e abriu as pesadas cortinas.

O que ela ali viu fê-la dar um salto e soltar o braço de Sin. Kat conteve a respiração ao recuar, chocada.

Não conseguia respirar. Não conseguia ver nem ouvir mais nada senão a inacreditável agonia dentro de si. Doía... doía... As imagens não paravam de se sobrepor na sua mente. As memórias de Sin. Viu a mulher dele nos braços de outro homem. Viu o seu filho, Utu, e a sua filha, Ishtar, enquanto morriam a combater os demónios que o próprio pai de Sin criara.

A agonia era insuportável...

Como podia Sin suportar tudo o que lhe acontecera? Como? Todos se tinham rido dele, tinham-no envergonhado.

E depois tinham morrido, deixando-o completamente sozinho.

Kat queria paz, mas não havia onde encontrar conforto. A única coisa que conseguia ver eram as amargas imagens que a corroíam. Amargas imagens de culpa e traição.

— Ajuda-me — sussurrou ela, de coração partido.

Sin estava ao lado de Kat, a vê-la tremer. A parte sádica dentro de si teve prazer em vê-la assim. Era o que ela merecia, por se intrometer nas suas emoções e memórias.

Mas não era o filho da mãe que queria ser e a alegria durou apenas um milissegundo antes de a abraçar. Ela soluçou contra o seu ombro.

— Chh — sussurrou ele, enquanto a embalava. — Esquece isto. Não te cabe a ti sentir. — Fechando os olhos, embalou-a contra o peito e usou os seus poderes para aliviar a dor que ela lhe tirara.

Kat continuava a tremer descontroladamente enquanto as imagens se esbatiam. Sentiu o conforto dos braços de Sin a combater as emoções residuais que continuavam a magoá-la.

Havia tanta dor dentro dele. Tanta traição. Como podia suportar?

Mas depois percebeu. Era isso que alimentava a sua luta contra os *gallu*. Ele canalizava toda a fúria e dor e usava-as para se fortalecer.

Era também isso que o mantinha isolado de toda a gente à sua volta. Mesmo de Kish e Damien. E compreendeu por fim o que ele lhe dissera anteriormente.

— Há mais do que uma espécie de morte — sussurrou ela.

— Sim. — A voz dele era baixa, e essa única palavra transportava mais emoção do que um poeta ferido de amor. — Os cobardes não são os únicos que morrem mil mortes. Por vezes os heróis também as morrem.

Era verdade. Ela vira-o pessoalmente, e agora compreendia tanta coisa nele.

Kat inclinou-se para trás para lhe poder tocar na face. Ele era tão atraente àquela luz esbatida. As suas feições morenas eram perfeitas. E, no entanto, ela conseguia ver o sangue na sua pele, a angústia nos seus traços...

E queria apaziguá-lo, mais do que qualquer outra coisa.

Sin conteve a respiração ao ver a compaixão nos olhos de Kat. A empatia. Havia tanto tempo que ninguém o olhava daquela maneira. Ódio, zanga, aversão, com tudo isso conseguia lidar. Mas aquele único olhar era suficiente para o enfraquecer.

Tocava uma parte de si que nem sequer conhecia. E suavizou-o. Ele nunca estivera tão despido perante ninguém. Ela vira o seu passado e não o gozara por ele. Era refrescante e aterrorizador.

Ela percorreu-lhe os lábios com os dedos, o que lhe provocou uma faísca no corpo. Passara muito tempo desde que uma mulher o conseguia.

Não, ele nunca se sentira assim com uma mulher. Nem sequer a sua mulher o atraía como Kat o atraía. Havia nela qualquer coisa de infeccioso e sedutor. O seu humor, a sua coragem, tudo.

E ele queria tanto prová-la que a única coisa em que conseguia pensar era em despirem-se e fazerem amor até ao fim do tempo.

Ou, pelo menos, até as Dimme os comerem...

Kat viu todas as emoções varrerem o rosto de Sin. O seu desejo era ousado e quente, naqueles olhos dourados, e, mesmo sem usar os seus poderes, soube o que ele estava a sentir.

Conteve a respiração na expectativa do beijo.

Os braços à sua volta apertaram-se antes de ele tomar posse da sua boca. Ela encostou a mão contra a face dele, para poder sentir o músculo no seu queixo a trabalhar enquanto a sua língua dançava com a dela. Ele

sabia a vinho e a homem. A conforto e a calor. Não sabia porquê, mas encontrava com ele uma profunda sensação de paz. O desejo transbordava do seu corpo.

Sin grunhiu com a sensação da língua dela a mover-se contra a sua. Parte de si esperava que Apollymi os separasse bruscamente de novo, mas, à medida que cada segundo passava e a única coisa que sentia era o toque quente de Kat, relaxou. Não havia ali ninguém para os separar. Ninguém para se intrometer entre os dois.

Isso deixou-o muito mais feliz do que deveria.

Pelos deuses, ela era tão doce. Tão suave. O perfume quente da sua pele inebriava-o. Quase esquecera como era bom abraçar uma mulher que sabia quem ele era, o que era. Por outro lado, Kat vira uma parte de si que nunca ninguém tinha visto. Era uma parte de si que nem ele queria saber que existia.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos, no meio de um remoinho de emoções. A única coisa que queria era senti-la nua contra si. Ter os seus longos dedos graciosos a acariciá-lo. Ter as suas pernas compridas a envolver-lhe as ancas enquanto ele se perdia, enterrando-se no corpo dela.

Mas, em vez disso, ela recuou para o olhar. As suas pestanas húmidas cintilavam.

— Lamento aquilo que sofreste.

— Não. Não foste tu que o causaste.

Kat engoliu em seco perante o tom vazio da voz dele. Não, não fora ela que fizera tudo, mas a sua família tivera uma grande contribuição.

Fora o seu avô, Archon, que ela vira na cama com a mulher de Sin. Kat perguntou-se se Apollymi soubera que o marido não era fiel. Em caso positivo, isso ajudava a explicar porque odiava de tal maneira os sumérios.

A política dos deuses era sempre complicada. E normalmente dolorosa, mas nunca tanto como naquele caso.

Baixando a cabeça, pegou na mão dele e estudou as cicatrizes de queimaduras e feridas. A pele dele era tão escura, comparada com a sua. Havia tanta força, ali. Mas era a solidão que ele vivia que mais a magoava.

— *Força através da adversidade.* — Fora o que o Chtoniano Savitar lhe dissera uma vez quando ela lhe perguntara porque algumas pessoas tinham de sofrer tão inacreditáveis provações. — *O aço mais forte é forjado pelos fogos do Inferno. É batido e moldado repetidamente antes de ser de novo mergulhado no fogo. O fogo dá-lhe poder e flexibilidade, e os golpes dão-lhe força. Essas duas coisas tornam o metal maleável e capaz de suportar cada batalha.*

Parecera-lhe tão cruel, em criança. Por vezes ainda lhe parecia.

Mas Sin suportara-o com graciosidade.

Erguendo-lhe a mão, ela beijou a pior das marcas de queimaduras no seu pulso esquerdo.

Sin tremeu com a ternura das ações de Kat. Honestamente, não sabia como lidar com ela. A insultos e ataques estava habituado.

A gentileza...

Isso aterrava-o.

— Pensei que me odiavas.

Ela soltou uma curta gargalhada que lançou um sopro de ar sobre a sua pele.

— E odeio. — Ergueu o olhar com uma abertura que o desarmou. — Sabes que não devias tolerar os *daemones* que trabalham para ti.

— A minha meia dúzia de *daemones* não destruíram tantas vidas como a tua mãe e o teu tio, mas reparei que ainda os amas.

Ele tinha razão.

— Só na maior parte dos dias. — Kat pigarreou e afastou-se dele. — Ias treinar-me para combater os *gallu*.

Enquanto dizia estas palavras, viu a imagem da filha dele na sua mente. Ishtar fora rasgada pelos demónios. Literalmente rasgada. E, pelo olhar no rosto dele, Kat percebeu que Sin tivera o mesmo pensamento.

— Não te preocupes — assegurou-lhe. — Eu aguento com eles. Sou filha de dois deuses.

Ele riu-se daquela bravata.

— A Ishtar também era.

Sim, mas Ishtar não era ela e não tinha a mesma constituição genética.

— O meu pai é mensageiro da morte e da destruição. A minha avó é a Grande Destruidora. A minha mãe é deusa da caça. Acho que não vou ter problemas.

— Sim — disse ele, afastando-se dela. — De facto, tens a história do absoluto terror e crueldade nas tuas veias.

Ela piscou-lhe o olho.

— Lembra-te disso se alguma vez te colocares entre mim e o meu chocolate.

— Vou tentar. — O tom dele era pouco convincente. Não a julgava uma grande combatente, mas ela havia de aprender. Ia mostrar-lhe exatamente de que material era feita.

— Então, quantos *daemones* tens no teu casino? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Não tenho a certeza. Não os vigio tão de perto que tenha de me preocupar com isso. O Damien mantém-nos na linha. Se comerem os turistas errados, ele mata-os.

— E ficas perfeitamente na boa com isto?

— Confio no Damien mais do que em qualquer outra pessoa.

Isso não fazia qualquer sentido. Por outro lado, a sua avó controlava todo o exército de *daemones* e não se importava com as vidas e almas que eles tomavam para se manterem vivos. Claro que o seu líder, Stryker, estava agora a planear a morte dela, mas isso era outra história.

Kat levou um minuto a perceber porque a tolerância de Sin a incomodava de tal forma. Era porque ali estavam no mesmo plano que os humanos. Stryker e o seu exército tinham de ir àquele plano para se alimentarem, e ela nunca o testemunhara. De alguma forma, parecia mais errado abrigar *daemones* mesmo no seio da humanidade.

— Pensei que não confiavas em ninguém — disse ela.

— Nunca disse que confiaria ao Damien a minha retaguarda, ou a minha vida. Apenas o meu dinheiro.

— E, no entanto, vais confiar-me a tua retaguarda?

— Não completamente. Deves ficar ao meu lado para eu te poder vigiar. Não penses por um minuto que me esqueci que és a face e a voz da mulher que quero matar mais do que qualquer outra pessoa.

Seria, realmente, demasiado esperar que ele ultrapassasse essa parte. Mas, por outro lado, se alguém lhe tivesse roubado a sua divindade, ela também estaria um pouco irritada.

— Compreendido. Qual é o plano de jogo, então, para além de evitar Deimos e a minha mãe?

— Temos de encontrar o Hayar Bedr.

Kat franziu o sobrolho ao ouvir a expressão desconhecida.

— E isso é o quê?

— A Lua Abandonada.

— E isso é animal, vegetal ou mineral?

— Animal. Definitivamente animal.

Porque é que isso a surpreendia? Ah, espera, porque era completamente normal alguém se referir a um animal como uma lua abandonada. Pois...

— A sério? Que espécie de animal seria chamado Lua Abandonada?

— O meu irmão gémeo.

Kat ficou atónita com a revelação. Isso era uma coisa que não vira dentro dele.

— Vocês são dois?

As feições dele ensombraram-se.

— De facto, originalmente éramos três, nascidos de uma mãe humana, uma camponesa de quem o meu pai se agradou e a quem fecundou. Não passávamos de crianças quando foi profetizado que destruiríamos o

panteão. Furioso, o meu pai matou o trigêmeo mais velho; depois veio atrás de mim e do Zakar. Embora tivesse apenas dez anos, eu era o mais forte, por isso escondi o Zakar no reino do sonho e lutei com o meu pai pelo direito de viver. Disse-lhe que já tratara do meu irmão e que absorvera os seus poderes.

— Mas não o tinhas feito.

— Não, mas a ideia de que eu possuía o poder para matar o meu próprio irmão assustou o meu pai o suficiente para fazer uma pausa. Embora ainda me quisesse morto, decidi que, uma vez que a profecia dizia que nós os três lhe causaríamos a destruição, não faria mal que apenas um vivesse. Por isso tomei o meu lugar no panteão e o Zakar permaneceu escondido a maior parte do tempo. Os humanos conheciam-no, mas, sempre que algum o mencionava, eu dizia ao meu pai que era eu que usava o seu nome nos sonhos deles.

— E ele acreditou?

Sin fez um sorriso maquiavélico.

— Ninguém se mete com um deus da fertilidade, se quiser manter o seu vigor.

Era verdade. Os deuses da fertilidade podiam lançar maldições que arruinariam as noites da maior parte dos homens.

E os seus egos para sempre.

— Então, onde está o teu irmão agora? — perguntou Kat.

Sin soltou um suspiro cansado enquanto a soltava e ia ao bar servir-se de um copo de uísque.

— Não faço ideia. A última vez que o vi foi depois de a Ártemis me ter roubado os poderes, deixando-me à beira da morte. O Zakar ajudou-me a libertar-me da sua rede, mas não ficou muito mais tempo depois disso. Disse-me que tinha de tratar de uma coisa e depois desapareceu.

— E não fazes ideia para onde foi?

Ele engoliu a bebida de um só trago e encheu outro copo.

— Nenhuma. Tentei convocá-lo. Chamá-lo. Nada. Nem um postal, nem um sussurro, durante mil anos. Por vezes, pergunto-me se não terá morrido.

— Se assim for, onde é que isso nos deixa?

— Basicamente, lixados. — Bebeu o outro copo. — Foi o seu sangue que usámos para prender os *gallu* da última vez. O que significa que precisamos do seu sangue para os prender novamente.

— Se são gémeos, não podemos simplesmente usar o teu sangue?

Ele ofereceu-lhe uma bebida, mas ela declinou com um abanar da cabeça.

Sin pousou o seu copo antes de responder à pergunta dela.

— Não sou um Caminhante dos Sonhos. O Zakar é que é. Nos sonhos, ele combateu uma vez o demónio Asag, o pai genético usado para criar os *gallu*. Durante a luta, Zakar absorveu parte dos poderes dos demónios. É por isso que é capaz de lhes fazer frente sozinho e eu não. Ele compreende-os e conhece as suas fraquezas. Foi através de Zakar que consegui controlar e combater os demónios.

— Então porque é que Ishtar morreu às mãos deles?

Desta vez ele não se deu ao trabalho de encher o copo. Bebeu diretamente da garrafa antes de responder.

— Depois de eu ter sido destituído e de Zakar desaparecer, ela ficou sozinha na luta contra eles. Ouvi-a gritar por ajuda uma noite e corri em seu socorro, embora soubesse que não tinha poder para os combater.

Engoliu em seco quando a dor lhe inundou os olhos.

— Era demasiado tarde. Não imaginas como é teres um filho teu nos braços e vê-lo morrer. Saber que, se ainda tivesses os teus poderes, a terias salvado. — O olhar dele feriu-a. — Podia ter perdoado a Ártemis o que ela me fez. É a morte da minha filha que nunca conseguirei ultrapassar. Se tivesse oportunidade de matar aquela cabra, acredita, aproveitava-a. Que se lixassem as consequências.

Um arrepio percorreu-a ao ouvir aquelas palavras sentidas. Não que o pudesse culpar. Vira a dor da morte de Ishtar pelos olhos dele e sentira o seu horror e raiva.

Nenhum pai merecia aquela memória.

Engolindo para dissolver o aperto na garganta, deu um passo para ele.

— Sin...

— Não me toques. Não preciso de consolo, especialmente da parte da filha da mulher que me tirou tudo.

Kat anuiu. Podia compreender, e sofria por ele.

— O que aconteceu aos poderes de Ishtar, quando ela morreu?

Ele acabou com a garrafa com um último gole.

— Antes de morrer, ela passou-me alguns dos poderes, para impedir que o universo se dissolva... é também por isso que consigo lutar contra os *gallu* e derrotá-los. Depois da sua morte, o que restou dos poderes foi libertado, o que resultou numa tremenda erupção vulcânica. Depois Afrodite entrou no nosso panteão como a deusa do amor e da beleza para substituir Ishtar, e não demorou muito até o meu panteão passar à história. Literalmente.

Kat recordava-se de os deuses gregos falarem disso. Afrodite usara a inveja como arma para virar os sumérios uns contra os outros, até mais ninguém confiar em ninguém. A tia de Kat fora insidiosa como uma ma-

nipuladora. Ainda espantava Kat como pessoas que se conheciam há tanto tempo estavam tão dispostas a ouvir mentiras de um recém-chegado.

Como estavam dispostas a deixar-se levar por uma emoção tão negativa ao ponto de fazerem qualquer coisa só para verem o seu inimigo cair.

No fim, todos tinham pago um elevado preço.

Mas isso pertencia ao passado e não resolveria o seu dilema atual. Precisavam de alguém que o resolvesse...

Ela fez uma pausa quando se recordou de algo que Sin dissera.

— Tenho uma pergunta. Porque é que não podes fazer o que Zakar fez? Se são gémeos, não podes lutar contra Asag num sonho e depois obter o mesmo tipo de poderes?

Ele limpou a boca com as costas da mão.

— Se eu tivesse os meus poderes e não metade dos de Ishtar, há muitas coisas que poderia fazer... como matar a tua mãe, por exemplo.

Ela já tinha desistido daquela parte. Optando por ignorar o seu rancor, tentou outra ideia.

— E os Oneroi? — Eram os deuses dos sonhos para o panteão grego. — E se arranjássemos um deles para procurar Asag e lutar contra ele?

— Podíamos tentar. Claro que não fazemos ideia como o veneno de Asag os pode afetar, uma vez que nasceram de outro panteão. Pode ser bastante interessante. Ou funciona ou eles tornar-se-ão um outro tipo de demónio que teremos de aprender a matar. Quem é que escolhemos como nossa cobaia?

Kat fez uma careta perante o sarcasmo. Mas ele tinha razão. Não havia como saber como uma coisa daquelas poderia afetar adversamente um dos seus próprios primos.

— Parece que Zakar é a nossa melhor hipótese.

— A não ser que consigas convencer a cabra da tua mãe a libertar os meus poderes, sim, é mesmo.

Ela semicerrou os olhos.

— Bem, isso é um bocado difícil, uma vez que nem sequer a consigo convencer a poupar-te a vida, não achas? Não conseguiste propriamente conquistá-la para a tua causa.

— Oh, desculpa a minha falta de maneiras. Achas que é melhor ligarmos à querida mamã e convidá-la para o lanche? Prometo mostrar as minhas melhores maneiras enquanto a estrangulo.

— Ei — disse Kish com uma gargalhada ao entrar na sala pela direita — o que é isto? A Batalha dos Sarcásticos e Lixados? Será melhor ir fazer pipocas? Esqueçam o *Ídolos*, meus. Isto é muito mais interessante.

Sin lançou um olhar assassino ao seu servo.

— Tinha algum objetivo, a tua última intromissão, Kish?

— Tive um súbito desejo de morte. Senti a profunda necessidade de vir cá a cima para me congelares outra vez. Gosto de ser estátua... desde que não me enfiés num parque qualquer e deixes os pombos cagarem em cima de mim.

Kat teve de reprimir uma gargalhada. Oh, se um olhar pudesse mutilar, Kish seria agora um *kebab*.

— *O-kaay* — disse Kish, estendendo a palavra — então, o objetivo da minha visita é que está um homem lá em baixo a querer falar contigo. Diz que é urgente.

— Estou um pouco ocupado.

— Eu disse-lhe isso.

— Então porque me estás a incomodar?

Kish estendeu uma mão fechada.

— Ele queria que te desse isto.

Sin teve de se controlar para não revirar os olhos ao seu servo.

— Eu não aceito subornos. — Mas quando Kish soltou um pequeno medalhão na mão de Sin, a sua agitação evaporou-se. Era uma antiga moeda babilónia. — Ele mencionou, por acaso, o seu nome?

— Kessar.

Kat franziu o sobrolho. Nunca ouvira aquele nome.

— Kessar? — repetiu.

Sin não falou, de estômago contraído de temor e fúria.

— É para os *gallu* o mesmo que o Stryker para os *daemones* — explicou.

Sem mais uma palavra, agarrou numa bengala que estava encostada à parede e dirigiu-se ao elevador para descer para o casino.